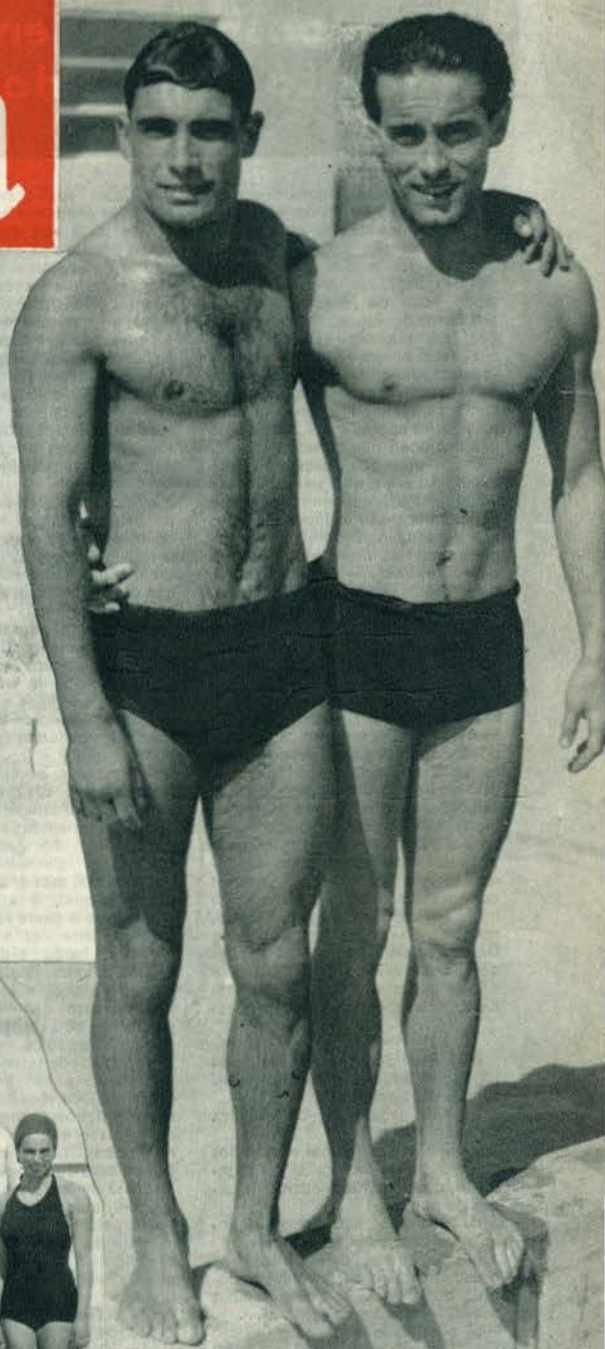


# Stadium



**CAMPEONATOS NACIONAIS DE NATAÇÃO, EM ESPINHO.** — José da Silva, o magnífico nadador da Madeira, vencedor dos 1.500 metros, numa prova emocionante, ao lado de Mário Simas, o grande campeão português, que, conquistando 5 títulos em Espinho, mais uma vez demonstrou a sua excepcional classe. Ao lado vê-se um grupo de nadadoras que disputaram várias provas, e o grupo dos concorrentes às provas oficiais.

Fotos — HERMANN

N.º 245

13 DE AGOSTO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

# Não rebusquemos em causas estranhas o que só deriva do próprio jogo...

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

**A** derrota do futebol português em frente da Inglaterra teve enorme repercussão em todo o país. Tivemos a oportunidade de o comprovar, mais uma vez, numa volta de férias que demos por terras do Norte. Pessoas amigas, ou mesmo desconhecidas, chegavam ao pé de nós e diziam-nos em tom amargo e triste:—Que pena terminarmos uma tão brilhante campanha internacional com uma folha negra, e só porque os internacionais não quiseram jogar... E por mais que dissessemos que assim não era e que os jogadores tinham entrado em campo na ideia de fazerem o seu melhor, ninguém nos acreditava. Recolhamos sempre um sorriso incrédulo, como a querer afirmar:—V. não querê é dizer o que se passou...

Bem insistiamos!—Não tenha esses pensamentos. Os jogadores estavam extenuados, devido a uma época sobrecarregada e a estarmos em fins de temporada, e desorientaram-se, o que, aliás, sucede a todas as equipas em dado momento nevrálgico. E contávamos, a propósito, que um português que havia assistido ao jogo Suíça-Inglaterra, oito dias antes do fatídico dia do Jamôr, nos dissera que o grupo inglês, nitidamente enervado, chegara a dar a ideia de onze vulgar...

Apesar das nossas palavras, liamos sempre no olhar das pessoas com quem conversávamos a sombra da descrença. Algumas delas, mais atrevidas, no segredo dos Deuses, diziam-nos até as razões que haviam levado os jogadores a não se importarem com a partida. Resumiremos, assim, essas razões:

a) A Federação não ter dado aos jogadores bilhetes para eles servirem os seus amigos;

b) Não pagamento de prémios de encontros;

c) Existência de mal-entendidos entre o seleccionador e os jogadores, que teriam conduzido a cenas de pugilato;

d) Falta de atenções dos dirigentes para com os internacionais.

Na realidade, esses foram os boatos postos a correr antes e depois do *match*, e, como sempre sucede — alguma coisa ficou...

É possível que o nosso silêncio tivesse contribuído um tanto ou quanto para o caso. Tendo nós uma pena e jornais à nossa disposição, cumpríamos desfazer os boatos que se palpicam e enlameiam; e cuja limpeza é sempre difícil. Mas a Federação resolveu fazer um inquérito sobre o assunto, e a Direcção Geral seguiu no caminho — procedendo igualmente a um amplo inquérito. E nós, convencidos de que o verdade viria ao lume (como veio, afinal!) limitámo-nos apenas a depôr quando fomos chamados, e a depôr com absoluta verdade e sem reticências, não querendo trazer para a luz da publicidade uma questão de melindre

que, pela sua gravidade, estava afectada às entidades oficiais.

Mas já lá vão mais de dois meses, e parece-nos que se pode falar agora do Portugal-Inglaterra sem que as pedras de calçada se ponham cor-de-rosa de rubor, sem influir no que quer que seja e com a certeza de que todos os pessoas, mais serenas e tranquilas, receberão este depoimento como uma contribuição, séria e vivida, destinada simplesmente ao esclarecimento. Passemos, portanto, em revista, os pontos cruciais e demos-tralhe a indispensável resposta.

a) Ao tomarmos conta do cargo de Seleccionador, e logo no primeiro encontro realizado em Portugal verificámos que os jogadores eram muito assediados pelos amigos ou conhecidos, e de aí recorremos a uma medida que, estávamos longe de pensar, seria cause de aborrecimentos. De combinação com a Federação, e esta compreendeu perfeitamente o fim em vista, resolvemos atribuir a cada jogador um certo número de bilhetes, pagos, para estes cederem às pessoas que entendessem.

Aos poucos, porém, esse número foi crescendo. Os jogadores, recebendo no Portugal-Espanha cinquenta, queriam mais, e transigiu-se na medida do possível. Mesmo assim, os internacionais ficaram aborrecidos, mas entraram no Estádio Nacional, e comportaram-se como toda a gente sabe: vencemos pela primeira vez a Espanha. Na verdade, tendo sido destinados oitenta bilhetes, pagos, para o Portugal-Inglaterra, e tendo sido distribuída essa quantidade a cada elemento, não-respeitada a qualidade da requisição por manifesta impossibilidade (estava-se já na última semana e nós tínhamos vindo de Dublin), os jogadores não ficaram satisfeitos. Compreende-se, de resto, o seu enfado, visto eles serem assediados no estádio a todo o momento com pedidos de bilhetes. Mas em caso algum isso podia ter contribuído no espírito dos rapazes para eles não darem o seu máximo de jogo. O mesmo linha sucedido no desafio contra a Espanha, e vencemos de forma brilhante.

b) A Federação pagou sempre todos os prémios atrasados. Em alguns casos — mais; e, espontaneamente, como no Portugal-Suíça, elevou a quantia, dando o prémio de vitória quando se tinha empatado. E não entramos em linha de conta com as *diárias* e verbos de irelhos.

Só de uma vez não se cumpriu. Não foi a Federação culpada, mas nós próprios. Nas vésperas do França-Portugal, em Paris (era tal o nosso desejo de errancar a primeira vitória no campo do adversário no estrangeiro!) que dissemos aos jogadores, enunciando as várias hipóteses, que, mesmo não tendo consultado a Federação, estavam convencidos que esse en-

lidade daria aos jogadores um prémio pecuniário em caso de derrota por uma bola e se eles se esforçassem no máximo. Infelizmente, a Federação não validou a promessa, nós não a pudemos cumprir, mas os jogadores compreenderam isto bem a nossa situação que fizemos silêncio sobre o assunto, não insistindo no caso e poupando-nos a que, da nossa modesta bolsa, cumprissemos a palavra dada, e aliás, condicionada.

Sobre prémios houve sempre, desde o início, um desentendimento entre nós e os jogadores, que nunca escureceu as esplêndidas relações que mantivemos. Nós entendíamos que, por derrota, não devia haver prémio nenhum; os jogadores manifestavam abertamente a opinião de que, nessa hipótese, deveriam receber um prémio de presença. Nunca tal foi concedido, porque a Federação concordou e reforçou o nosso ponto de vista. Porém, a não-satisfação do chamado prémio de presença nunca influiu no rendimento do futebol. Nem nos antecedentes, nem no Portugal-Inglaterra. Os rapazes pretendem naturalmente, o máximo das regalias, mas ao porem os pés em campo, esquecem todo o aspecto material e apenas querem jogar e representar o país o melhor possível.

c) Desde que tomámos conta do cargo de Seleccionador, procurámos manter (e julgamos tê-lo conseguido!) as melhores relações de camaradagem com todos, não especializando este ou aquele, mas unindo todos no mesmo afecto. Julgamos que todos os internacionais corresponderam, e nem uma ou outra declaração de jogadores em entrevistas mais ou menos sensacionais, perturbou essas boas relações. Eremos o primeiro a estender a mão àquele que, num momento de amuo, dissera o que não devia e o que não estava certo. Algumas vezes, os entrevistados vinham penitenciar-se (que as suas palavras não tinham sido bem compreendidas!) mas nós éramos os primeiros a meter a questão.

Nós queríamos aos jogadores, indistintamente, como se fossem pessoas da nossa família, e eles também nutriam por nós viva amizade manifestada, aliás, em muitos detalhes, que guardaremos como a melhor recordação da nossa vida de Seleccionador. Nunca nenhum jogador procedeu de maneira a fazer-nos arrepender da confiança e de camaradagem que inalteravelmente mantivemos. E, no entanto, chegara algumas vezes aos nossos ouvidos o boato, não sabemos com que propósito, de que um jogador nos desrespeitara ao ponto de haver pugilato. Esses boatos, verdade seja, mantinham a boa disposição entre nós todos e eram sempre objecto de galhofa e ditos de espírito no estádio. Ajudavam a passar o tempo alegremente...

d) Certamente, os jogadores são muito sensíveis e apreciam os ges-

tos de consideração que se tem para com eles. A Federação costumava jantar conosco, sempre, ao menos uma vez, e o esquecimento dessa já velha praxe, no Portugal-Inglaterra, feriu a sensibilidade dos rapazes. Mas isso nada teve que ver com o que se passou em campo. Nem os jogadores se lembraram de tal ao entrar no Estádio para defrontarem os ingleses.

Este é que é a verdade, não é simples, de uma sinceridade inalterável! Para explicar ou justificar um desastre, em números, não devemos ir buscar a causas estranhas ao próprio jogo a razão do malogro. Esse basta e sobra. O resto pode satisfazer o nosso amor-próprio e servir como ilusão, mas não passará daí. O que sucedeu contra a Inglaterra não passa de um caso natural de competição. Uma equipa melhor, em dia em que tudo sai às mil maravilhas, jogando infinitamente bem, superou um grupo pior, em dia em que tudo sai mal, actuando abaixo das suas possibilidades por efeitos de ocasional desorientação. Os jogadores, nestas condições, jogam muito mal! Até aquilo que, noutras oportunidades, fazem com facilidade não conseguem acertar... Parecem plures do que o que são, enquanto que o adversário dá a ideia de ser melhor do que na realidade é.

A equipa nacional sofreu uma bola de começo, e andou à deriva em todo o primeiro tempo. Se, nessa parte, jurasse as redes adversárias (estava várias vezes à beirinha do *goal*!) talvez isso fosse o estimulante necessário. Mas tal não aconteceu e, mesmo assim, ao reaparecer em campo, depois do lúcido do intervalo, o onze exibiu-se a grande altura, realizando nos dez minutos iniciais uma exibição magnífica, de ataque em rajada e entre-ação perfeita. Os remates, porém, perderam-se no trave, ou saíram por centímetros, e não houve em campo, por esse razão, a desejada reacção. Mesmo com cinco bolas contra, se tivéssemos marcado uma ou duas bolas, nessa fase, como poderia ter acontecido, talvez os acontecimentos se modificassem. E a onda se voltasse contra a onda. Mas quis o favor do jogo que, pelo contrário, fossem os ingleses, em rápida escapada, a marcaram, e deste modo, desgostaram-se todas as forças portuguesas.

Cumpra-nos dizer, em todo o caso, que a equipa não se encontrava no máximo das suas possibilidades físicas. Técnicas, pelo contrário, em absoluto. Vinha de actuar uma época sobrecarregada, de grandes esforços, com muitos jogos internacionais, alargando a lista ao encontro com a Liga de Paris e os argentinos do S. Lourenço. Havia feito, em alguns desafios, um esforço formidável e de que não podemos sequer dar a medida, vído caso de Dublin.

As lesões agravaram-se e quase todos os jogadores estavam *focados*. Seria altura de falar da renovação do Grupo, de que somos verdadeiros campeões, mas evidentemente esta não se devia fazer no último encontro e em fins de época, tanto mais tendo-se o onze comportado na gloriosa jornada da Irlanda como todos os críticos portugueses tiveram ocasião de vincar. A verdade é só uma: não rebusquemos em causas estranhas o que só deriva do próprio jogo...

## CAMPEONATOS CORPORATIVOS

**N**a tarde de sábado e na manhã de domingo, no campo das Salésias, realizaram-se, organizados pela FNAT, os Campeonatos Distritais Corporativos de Atletismo, aos quais concorreram efectivamente 107 atletas, divididos em três categorias, num programa complexo que incluiu nada menos de 32 provas diferentes.

Feizmente para os espectadores o jurí expedi a sua missão sem perdas inúteis de tempo e, em qualquer das sessões, começadas à hora anunciada, o programa foi cumprido de maneira a não retardar além do usual as horas de jantar e do almoço.

Tudo marchou em boa ordem, concursos e corridas disputando-se simultaneamente, entusiasmo e interesse pela luta entre os competidores.

Como sempre sucede nos torneios portugueses, os resultados em corridas foram muito superiores aos dos saltos e lançamentos, embora nestes se revelassem alguns elementos com notável habilidade.

A melhor marca dos campeonatos foi alcançada pelos corredores de 1.000 metros da 1.ª categoria (filados), cujos tempos são os melhores da temporada na distância; se o percurso estava medido com exactidão, do que nada permite duvidar, os 2 m. 41,2 s. de Joaquim Branco, os 2 m. 43,2 s. de Adriano Gomes e os 2 m. 46,2 s. de José Araújo, correspondem a proeza de realce que para o primeiro se traduziria, em organização oficial federativa, por novo recorde nacional de juniores.

Nos 3.000 metros assistiu-se a

renhida luta entre Branco e Araújo, que o primeiro decidiu a seu favor em 9 m. 15 s., contra 9 m. 16,7 s. do adversário.

Nos 80 e nos 300 metros venceu Pena da Silva, respectivamente em 9,8 s. e 39,9 s., tendo como único competidor o bombeiro Cesar Gomes, cujos tempos foram 10 s. e 40,5 s., a atestarem os seus dotes para a especialidade.

Os resultados dos concursos foram fracos: 5,30 metros em comprimento por Cesar Gomes; 10,12 metros com o peso e 38,65 metros com o disco por Carlos Faria; 29,995 metros com o disco por José Luís da Fonseca.

Na classificação colectiva a Fed. Nac. dos Industriais de Moagem levou a melhor sobre o B. S. Bombeiros apenas por 3 pontos.

Na 2.ª categoria houve a maior animação e algumas marcas não destoam com as dos atletas mais cotados; Augusto Dias Pereira ganhou os 80 metros em 10 s., aproveitando uma excelente partida, sincronizada com o tiro e batendo por um nada Leite de Sousa e Manuel Teixeira.

Os 300 metros foram para Carlos Correia, em 40,8 s.; boa passada e apitões para melhor, com treino mais rigoroso; Carlos Felner bom segundo, mas mais frágil.

As corridas de 1.000 e 3.000 me-

tros tiveram aspecto antagónico; na primeira os corredores bateram-se com afinco e Pinto Machado venceu em 3 m. 0,7 s., ao passo que na segunda se apresentaram apenas três representantes do mesmo grupo que entenderam passear, até Edmundo Franco se decidir a vencer em 11 m. 57,7 s.

No salto em altura revelou-se Pinho Martins especialista de futuro; transpôs 1,65 metros, com estilo deficiente, mas que bela elevação, a sua. Carlos Correia, segundo classificado com 1,55 metros tem estilo cuidado de rolagem facial, aproveitando ao máximo a sua elevação. Manuel Teixeira saltou 6,03 metros em comprimento e ficou distanciado dos adversários; fracos resultados nos lançamentos.

O Grupo D. H. Vaultier, vencedor das três estafetas e quatro provas individuais classificou-se folgadoamente campeão, com 48 pontos de avanço sobre o C. A. T. n.º 50.

Na 3.ª categoria, a dos iniciados, o B. S. Bombeiros triunfou com 104 1/2 p. contra 83 1/2 p. da Manutenção Militar, valendo-se do maior equilíbrio da sua representação.

Campos Dias venceu os 80 metros, em 10,1 s., tendo feito 10 s. na eliminatória; Manuel António, os 300 metros em 42,3 s.; Francisco Lopes os 1.000 metros em 2 m. 45,5 s., tempo excelente; Carvalho de Oliveira, os 3.000 metros em 10 m. 28 s. e o B. S. Bombeiros as três estafetas.

O vencedor do salto em altura, António Barreto, com 1,60 metros, provou notáveis aptidões, com aspecto de atleta eclético, pois também ganhou o peso com 11,62 metros.

Os restantes concursos tiveram fracos resultados.

A impressão geral é, contudo, francamente favorável; o atletismo interessa os praticantes corporativos e o número de competidores habéis é de considerar como testemunho das nossas reais aptidões, tão mal aproveitadas, para a modalidade.

## Os campeonatos femininos e o festival da A. A. L.

**N**o louvável propósito de manter em actividade os praticantes do atletismo, a A. A. L. organizou no domingo um festival de atletismo para completar o programa do campeonato nacional feminino; o conjunto de provas escolhidas era atraente e parecia indicar espectáculo animado, mas para isso era necessário que os atletas cuja classe valorizaria a competição se decidissem a comparecer.

Foram muitos os ausentes, como é hábito em tais circunstâncias; para esses, infelizmente a maioria, o entusiasmo pelo atletismo dura até aos campeonatos nacionais, após os quais abandonam treino e competição, mesmo

quando os dirigentes insistem em chama-los à pista.

O homem da jornada foi Eugénio Eleutério, três vezes vencedor: nas 100 jardas, em que igualou os 10 s. do mínimo nacional, mas com forte vento favorável; nos 200 metros barreiras em 27,3 s. e na estafeta 3x100 metros, que o Benfica venceu em 34,1 s.

Depois deles, Domingos Canhão ganhou em 1 m. 9,1 s. uns 500 metros em que praticamente não teve adversário, e contribuiu para a vitória do Sporting na estafeta sueca em 2 m. 9 s., tempo bastante modesto.

Os outros vencedores foram: Emílio Ruivo, no disco, com 33,73 e João Vieira no salto em comprimento com 6,555. Em todas as provas o número de concorrentes foi escasso e houve necessidade de buscar especialistas de recurso para acompanharem os raros que o eram de facto.

Com este despreendimento dos praticantes é difícil assegurar à temporada de pista a continuidade indispensável; somos levados a concluir que, da escassez de concursos não são culpados os dirigentes actuais, mas sim os educadores do passado, que não souberam criar nos seus pupilos o espírito desportivo necessário a um real interesse pela prática do atletismo.

Neste domingo e no sábado concluíram as provas do campeonato nacional feminino, no qual o Sporting triunfou mercê da participação das irmãs Cunha, ausentes nos regionais.

Hedi Sá, que por se ausentar do país fez a sua despedida desportiva, foi de novo a grande triunfadora juntando três títulos ao que já conquistara: 60 metros em 8,5 s., 150 metros em 21 s. e salto em altura com 1,35, excelente marca para a sua estatura. Hedi de Sá, atleta simpatíssima pela sua simplicidade e entusiasmo desportivo deixa uma vaga dificilmente preenchível nas condições actuais; desejamos-lhe felicidades na sua nova residência.

As outras vencedoras foram: Dália Cunha, no lançamento do peso, com um tiro de 9,27, segundo resultado português, e prova de ter o recorde ao seu alcance, pois o estilo é ainda deficientíssimo; não se serve do impulso das pernas, má posição do cotovelo direito, muito recuado, trabalho nulo do braço esquerdo e incerteza na altura da trajectória; Laura Rodrigues, que saltou 1,33 em comprimento, contra o vento, o que constitui proeza de apreciar.

Note-se que desta vez os juizes de chegada foram, na prova de 60 metros, mais argutos do que no regional e classificaram as mesmas concorrentes pela ordem real de entrada na meta, a mesma nas duas provas, mas deturpada na primeira vez.

Salazar Correia

## O atletismo e a crítica

**A**s competições de atletismo têm dado este ano motivo às críticas mais extraordinárias, movidas por causas evidentes embora não confessadas e onde se satisfazem ressentimentos, rivalidades pessoais, pondo de parte a verdade desportiva e os interesses da modalidade.

Onde tudo era bom, tudo agora é mau; não se discute o problema técnico porque importa só contestar que o feito hoje, já viável de ontem. Apreço-se de um lado grande progresso, nega-se do outro o mínimo aperfeiçoamento.

É preciso apelar para o bom senso e acabar com esta guerra do alceir e da mangerona, que serve apenas para desorientar a opinião pública e confundir a realidade no nevoeiro de falsas hipóteses.

Nem é verdade que o trabalho do passado seja nulo, nem é verdade que, no presente, não exista competência de orientação. A realidade é o conjunto destes dois factores: esforços passados continuados no presente.

São despropósitos, por exemplo, pelo que à evidência traduzem de intenção reservada, os acerbos comentários do redactor do «Mundo Desportivo» aos campeonatos nacionais, tomando os maus resultados como base para conclusões de decadência, quando elas são evidentemente uma consequência do mau estado, do péssimo estado da pista. Não se alegue, a contestar, que foram bons os tempos dos 100 metros e dos 10 quilómetros, porque isso sómente quer dizer que teriam sido ótimos numa pista capaz.

Devemos lembrar-nos que faltaram esta época na pista alguns elementos insubstituíveis e que outros declinaram de maneira flagrantemente. A renovação de quadros não pode ser súbita e devemos congratular-nos por o trabalho dirigente e orientador dos anos precedentes ter permitido trazer ao primeiro plano homens como Domingos Canhão — que melhorou o seu tempo dos 400 metros de 1,1 s. — e Castelo Branco — duas vezes vencedor nos seus dois primeiros 1.500 metros com a tática de um campeão consagrado.

Para fazer valer a obra passada não é preciso deitar foguetes pelas quebras eventuais do presente. Antes pelo contrário, porque as quebras do presente devem ser, muito mais naturalmente, consequência de deficiente acção pretérita.

S. C.

# PORTUGAL defronta a ESPANHA em "WATER-POLO" a 23 e 24 de AGOSTO e TREINA-SE SOB A ORIENTAÇÃO de JOSÉ ALVES



José António Alves, o seleccionador nacional, segue com interesse o desenvolver do treino. Parece satisfeito...

O «water-polo», modalidade viril, a todos os títulos empolgante e emotiva, embora de há muitos anos circunscrita exclusivamente do Sport Algés a Dafundo, vive, presentemente, uma fase de intensa actividade. A necessidade de actualizar a representação nacional levou, logicamente, a Federação Portuguesa de Nataçào, a nomear um seleccionador e treinador de «water-polo». E a escolha digna-se desde já — não podia ser mais acertada nem mais feliz, pois que recaiu sobre José António Alves, técnico na verdadeira accepção da palavra, conhecedor profundo de todos os segredos da modalidade.

Os treinos da selecção nacional que defrontará a Espanha pela quinta vez, nos próximos dias 23 e 24, em Espinho, e que, possivelmente se deslocará a Mónaco, de 10 a 14 de Setembro, iniciaram-se, há dias, rodados, como é natural, de certo segredo. Sabia-se que as sessões se efectuavam, regularmente, às 2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras, no estádio náutico de Algés, mas a verdade é que, de concreto, pouco mais se sabia. O plano do seleccionador e, sobretudo, o seu estado de espirito em face dos acontecimentos que se avizinhavam, ignoravam-se em absoluto. Ignoravam-se — mas era preciso descobri-los. Assim nasceu a ideia desta reportagem que, diga-se de passagem, não foi fácil de conseguir.

Mas uma amizade de há anos pode alguma coisa. E José Alves — técnico que de há muito nos habituámos a respeitar — finalmente accedeu. Palavras suas: «para a «Stadium» sempre se abre uma excepção...»

Os leitores têm, assim, oportunidade de apreciar alguns instantâneos de um treino efectuado na semana passada. E nós o caso de arquivar nestas colunas o depoimento valioso e oportuno de José António Alves, seleccionador nacional de «water-polo».

Uma pergunta que se impunha, a primeira, aliás, que colocamos:

— Qual o plano de treinos a que estão sujeitos os seleccionados?

— O plano de treinos foi estabelecido de acordo com os métodos de há muito seguidos no Sport Algés e Dafundo. Esse plano está dividido em duas fases. Uma é constituída pelo treino de preparação do jogador e do nadador, na qual se fazem diversos exercicios cuja principal finalidade é criar fôlego, mobilidade na água, rapidez nas arrancadas, bom manejo e domínio de bola. A outra fase é formada pelos jogos de competição. Já se encontram constituídas as equipas A e B que jogam, normalmente, cerca de uma hora. E nesta segunda fase que se estudam as jogadas, que se procura assentar numa táctica definida de jogo, e em que cada um dos elementos deve procurar assimilar os inúmeros pormenores técnicos a que erradamente se chama truques.

Concluindo o seu pensamento: — É extraordinariamente complexo o «water-polo», que além de tudo o mais, requere muito espirito de luta, tão necessário como é óbvio, num jogo em que a dureza, inteligentemente aplicada, é um trunfo poderosíssimo.

tiva de Itália. O «water-polo» espanhol tem valor, muito embora a sua classe esteja ainda longe de atingir o nível alcançado há epochas atrás, quando o grupo representativo de Espanha deu que falar no campo internacional. Não era brilhante a jogar, é certo, mas sabia o suficiente para obter resultados frente às equipas de fama mundial.

— E quais as possibilidades dos portugueses? O seleccionador e treinador nacional não responde imediatamente. Compreende-se bem a sua hesitação em face das responsabilidades do seu cargo. Reflete. E por fim expõe, com equilíbrio:

— Antes de mais, há a notar uma coisa que domina tudo o que a nossa vontade possa desejar ou a nossa fantasia possa criar: é que as vantagens a favor dos espanhóis são enormes. Vejamos: treinos, por assim dizer, permanentes, pois que no Club Natacion de Barcelona — de onde sai o «sete» representativo de Espanha — treina-se todo o ano. Está para isso apetrechado com uma magnífica piscina

de grande beleza e emoção. Se não fora a guerra, que fez interromper a actividade internacional e afrouxar o entusiasmo que já se notava na camada jovem, poderíamos ocupar presentemente, um lugar de relevo, neste desporto. A falta de piscinas de inverno, o que obriga a interromper nesta quadra do ano a preparação dos jogadores, é, sem dúvida um dos maiores entraves ao progresso do jogo. Há realmente que procurar resolvê-lo, para que o esforço desinteressado de muitos anos, não resulte em pura perda.

— Como encara a ida do grupo lusitano ao Torneio europeu de Mónaco?

— Se a Federação Portuguesa de Nataçào conseguir esse desiderato, pode considerar-se creadora do reconhecimento de todos os que lutam pelo desenvolvimento da nataçào desportiva. A ida de equipas de nataçào e «water-polo» aos campeonatos europeus, mesmo que regressem verdadeiras ao peso da derrota, será sempre da maior utilidade, e em nada fará perigar a honra nacional. Muitas representações de outros países têm passado por esse precalço, mas têm-não aproveitado bem — como lição. E quando, de novo, são chamadas às grandes competições já não ficam a alimentar à luz da lanterna vermelha...

E a terminar: — E, pois, com convicção que afirmo que os ensinamentos, os novos entusiasmas que este facto chamaria, os estímulos que se criariam para o futuro, compensariam bem os sacrificios e poderiam muito bem contribuir para colocar os desportos nauticos naquelle plano que todos desejariamos, para honra e prestígio do desporto nacional.

O depoimento de José Alves termina aqui, depois de ter passado em revista os pontos mais importantes da modalidade. O «water-polo» vive, com efeito, um período de actividade intensa com vista especialmente, ao V encontro com a Espanha.

Abreu Torres



Equipa A. De joelhos, da esquerda para a direita: Oscar Cabral, José Rosa, Fernando Sacadura. De pé: Rodrigo Bassone Basto Junior, Moitinho de Almeida, Francisco Alves e José Manuel Correia



Equipa B. De joelhos, da esquerda para a direita: Orloff Esteves, Vasco Carrelhas e João Echinho. De pé: Artur Malheiro, Alfredo Rodrigues, Nabots da Cruz, Adriana Rodrigues e Dino Mendonça

Fala-se, depois, das vitórias alcançadas pelo Algés e Dafundo sobre Canos de Madrid. E porque o team nacional e o grupo de honra do S. A. D. se confundem perguntamos:

— Têm os jogadores progredido relativamente aos encontros disputados com os madrilenos?

E José Alves afirma-nos com convicção: — O progresso é indubitavel. Os frutos da preparação metódica é intensa a que têm estado submetidos, começam a notar-se claramente, jogadores havendo cuja melhoria de «formas» excede as expectativas mais optimistas.

— Qual o valor actual do «water-polo» espanhol?

— A Espanha possui, presentemente, um «sete» jovem, composto por jogadores rápidos com muito treino, e bastante contacto com equipas estrangeiras. E é bom não esquecermos que já na presente época defrontaram por três vezes a equipa nacional balga, e que sustentaram dois encontros com a turma representa-

para esse efeito, e dispõe de treinadores profissionais. Além disso, na Catalunha há grande entusiasmo pela modalidade, disputando-se campeonatos que é coisa que cá não se sabe o que é...

— Todavia, tal como no futebol a bola é redonda, e vontade não falta aos jogadores portugueses. A alma portuguesa chegará, porém, para ocasionar uma surpresa? — Os jogadores responderão. Estou certo, no entanto, que o desporto nacional não será diminuído neste seu encontro com a nação vizinha. Confitemos no grupo nacional!

— ... Que será constituída por...

— José Rosa; Fernando Sacadura e Oscar Cabral; Armando Moitinho de Almeida; Rodrigo Bassone Basto Júnior, dr. Francisco Alves e José Manuel Correia.

— Quais as características individuais dos jogadores portugueses?

— Os jogadores lusitanos, é inegável, têm apreciável intuição para este jogo difficil,

Uma fase movimentada do treino: José Manuel Correia rematou em boia direção e bateu José Rosa



# OS TRABALHADORES FAZEM DESPORTO NA F. N. A. T.

## EM EVORA



Uma curiosa fase da final do Campeonato Nacional de Voleibol, em Evora, entre os Grupos finalistas: Bombeiros Municipais de Coimbra e Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau



Grupo de Voleibol dos Bombeiros Municipais de Coimbra



Grupo de Voleibol da Fábrica Cerâmica Carvalhinho



Grupo de Voleibol da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau



Grupo de Voleibol do Sindicato dos Empregados de Escritório de Evora



Os vencedores do disco, três categorias, nas provas de atletismo da Fnat: José Luis da Fonseca, Carlos Lemos Correia e Manuel Jacinto Lopes



## NAS SALÉSIAS

Um trecho da corrida de 3.000 metros



A equipa da F. N. I. M., vencedora da estafeta 4 x 1.000



Jorge Pinho Martins, da Casa da Moeda, que venceu a 2.ª categoria do salto em altura



António Barreto, dos Bombeiros, que venceu na 3.ª categoria dos saltos em altura



Joaquim Branco, da Vacuum, vencedor dos 1.000 metros na 1.ª categoria



O vencedor da 2.ª categoria do salto em comprimento



O vencedor da 1.ª categoria do salto em comprimento



Os vencedores nas três categorias do lançamento do peso: Carlos Faria, Alvaro Santos e António...



A equipa do H. Vautier vencedora na 2.ª categoria, da estafeta 4 x 80



A equipa dos Bombeiros, vencedora...

## Proeza brilhante de Mário Simas

conquistando cinco títulos nacionais

**P**ela segunda vez na história da modalidade, as provas máximas da natação portuguesa voltaram a desenvolver-se no cenário magnífico da piscina Solário-Atlântico de Espinho, com sua esplêndida tanque de dimensões olímpicas — 50 metros.

Dentro das características actuais da natação lusitana, dentro, portanto, daquilo que é lícito exigir-se, os campeonatos nacionais de 1947 consistiram assinalado êxito, deixando, até, para a história, alguns «tempos» de valor e várias proezas individuais que merecem registro.

A grande figura individual foi, sem dúvida, o excepcional Mário Simas que conquistou cinco dos sete títulos em disputa, overbando, assim, um recorde que não será, por certo, facilmente igualado. Depois do grande campeão, sarge-nos, também, em plano de relevo o nadador lanchense José da Silva, vencedor brilhante dos 1:500 metros-livres, depois de se apossar do recorde absoluto dos 1:000 metros (15 m. 11, 3 s), marca que pertencia a Pereira Bastos com 15 m. 18, 2 s.

De modo geral, as provas foram disputadas, com uma referência especial ao último percurso de Mário Simas na estafeta de 4x200 metros-livres, na verdade empolgante.

Os 100 metros-livres valeram essencialmente pelo duelo Simas-Petroni. O recordista da distância aguentou perfeitamente o ataque do seu perigoso competidor e foi, ainda, vencedor brilhante e indiscutível, no belo «tempo» de 1 m. 1, 8 s., contra 1 m. 3, 2 s., do nadador do Algués.

O duelo repetiu-se, também, nos 200 metros-livres, em que Simas trianfoa pela diferença escassa de um segundo e oito décimos. Foi uma prova magnífica em que os dois excelentes nadadores, embora com características diferentes, se bateram com belo entusiasmo. Marcas: 2 m. 27 s. e 2 m. 28, 8 s., respectivamente. Digna de registro a corrida do comibricense Luiz Lopes da Conceição, que parece em retorno de «forma» e que obtendo 2 m. 39, 1 s., se apresenta como bom candidato à terna nacional da estafeta olímpica de 4x200 metros-livres.

Dada a acentuada crise de nadadores de velocidade prolongada, Mário Simas não teve dificuldade em trianfoar, à vontade, nos 400 metros-livres, prova que não é da sua especialidade, mas

em que ele é, presentemente, o nosso melhor elemento. Vitória nítida em 5 m. 40, 9 s. O lanchense José da Silva voltou a ter comportamento meritório, creditando-se de 5 m. 48, 2 s. Luiz Lopes da Conceição — que nunca foi um especialista de 400 metros — obteve 5 m. 52 s. Pereira Bastos (5 m. 52, 8 s.) e Belmiro Santos (6 m. 2 s.) impressionantemente abaixo das suas reais possibilidades.

Os 1:500 metros-livres, à parte proporcionar o recorde acima referido, ofereceram a nota curiosa e inédita do trianfo de um nadador madeirense. José da Silva, que já o ano passado impressionara bem, e cuja vinda este ano ao continente esteve seriamente comprometida — como as coisas são! — venceu, com autoridade absoluta, a difícil prova de meio-lanço, a demonstrar, infelizmente, que a natação portuguesa atravessa grave crise, que não devemos camallar com os recordes das categorias inferiores, antes devemos procurar vencer, de frente, com desassombro.

O «tempo» de José da Silva — 25 m. 5, 9 s. — não é famoso. Chegou, no entanto, para vencer com nitidez. Pereira Bastos (25, 47, 6 s.) e Belmiro Santos (25 m. 20, 9 s.), especialmente o segundo, nitidamente abaixo do seu normal.

Mário Simas trianfoa quando e como quiz nos 100 metros-costas, em 1 m. 15, 3 s., numa prova sem entusiasmo e sem história.

Artur Mendes da Silva, mantendo o título da época passada, venceu muito bem os 200 metros-brasos, com a nota agradável de ter obtido o melhor «tempo» da época — 3 m. 2, 2 s. — e de parecer em nítida melhoria de «forma». O veterano Silva Marques não pôde repetir a proeza dos «regionais», mas também obteve o seu melhor resultado do ano: 3 m. 7, 4 s.

O Estoril-Prata venceu a 4x200 metros-livres, graças ao esforço prodigioso de Mário Simas no último percurso, após luta empolgante com Galheirne Petroni. Os «tempos» são elacitativos: Estoril — 10 m. 40, 5 s.; Algués — 10 m. 41, 8 s.

O dr. Manuel Martins, após três anos de interregno, voltou a apossar-se do título de campeão de saltos — justa recompensa do seu persistente labor.

E a fechar estas notas sucintas, uma referência aos dois títulos conquistados por Maria C. Ieste Teles — 100 e 200 metros-livres — que bem poderão marcar o início de uma carreira brilhante, se ela quiser, bem entendido... Arramados os «nacionais», os vistes lançam-se, agora, para o V Portugal-Espanha, a disputar naquele mesmo cenário, nos próximos dias 23 e 24. E até lá, que apreensões!...

Abreu Torres

## Da «Volta a Portugal»

que brevemente começará

à feliz actuação do Benfica no «Grande Prémio Marca»

**O** ciclismo está salvo! Depois de um período em que não houve uma única prova para independentes nem nelas se falava, surgem corridas por todos os lados: na Ericira, para depois da... «Volta a Portugal» — sim da «Volta»... —; na Malveira; nas Gaeiras; no Bombarral (ressurgirão as 12 voltas à Gafas); na Ajuda.

Mas a grande notícia é esta: vai realizar-se a «Volta a Portugal». Há muito tempo que vinha a falar-se nisso. Havia rumores, indicações vagas, numa palavra — boatos... Deles, aliás, nos fizemos eco no último número. Hoje vimos confirmar a realização da grande corrida. E confirmar, também, quanto acerca dela dissemos. Chegou a haver várias dúvidas, já quando tudo parecia arrumado, após uma reunião efectuada na sexta-feira entre organizadores, dirigentes da Federação e delegados dos clubes. O grau de acordo destes foi marcada uma reunião da imprensa para sábado. Entretanto, surgiu qualquer dificuldade, a reunião foi suspensa — e tudo parecia terminado... Felizmente, porém, as coisas recomposeram-se a tempo. No domingo, desaparecidos todos os obstáculos, o vice-presidente da F. P. C., sr. Benvido Cardoso, acompanhado de um delegado da organização foram ao Porto tratar de assuntos da prova com representantes da Associação do Norte e dos clubes daquela cidade.

A organização da «Volta» é patrocinada pelas entidades oficiais — Srs. Ministro do Interior e Governador Civil de Lisboa — e a receita líquida reverterá em benefício do «Socorro Social».

A corrida principia no dia 24, com uma etapa disputada na pista do Lumiar. O vencedor sairá no dia seguinte, da Cova da Piedade, já com a camisa amarela vestida... Não conhecemos ainda o itinerário. Mas sabemos que nele figuram, como finais de etapa, Loulé, Tavira, Beja, Castelo Branco (onde haverá descanso). Viseu, Porto (chegada no dia 31), Vila Real, Chaves, Braga, Póvoa do Varzim (descanso), Espinho, Caldas. A última tirada será Caldas-Lisboa.

Dirigirá tecnicamente a grande prova um júri nomeado pela Comissão Central de Juizes e Cronometristas, presidido pelo sr. Benvido Cardoso, que será o director da corrida, lugar para que foi especialmente convidado.

Entretanto a equipa do Benfica continua a disputar o «Grande Prémio Marca», com absoluto êxito.

Os corredores «encarnados» tem-se comportado muito bem, com brilho mesmo, especialmente José Martins e João Rebelo.

No entanto, os benfiquistas têm

sido muito prejudicados pela utilização de «tubos» finos, pouco próprios para as estradas espanholas, sucedendo-se os «furos», quase sempre em momentos decisivos.

Na 1.ª etapa (323 quilómetros de Madrid a Logroño), José Martins, com o espanhol Moran, chegou a Jdraque, onde houve meia hora de paragem, com 18 m. de avanço. De Jdraque a Soria a perseguição de italianos e belgas deu resultado e a vantagem dos dois «fugitivos» desapareceu. De Soria a Logroño, sob temporal desfeito, Rebelo andou com 4 m. de avanço, isolado, perdendo-os depois de dois «furos» em 200 metros!

José Martins foi o melhor português: 7.º, Rebelo ficou 13.º. Na segunda etapa Rebelo melhorou. Ganhou a contagem para o Prémio da Montanha, conquistou avanço e chegou a Pamplona só com mais cinco corredores. No circuito de quatro voltas à cidade não foi feliz. Um «furo» na terceira volta atrazou-o em relação aos companheiros de pelotão, mas ainda se conservou longe dos perseguidores. A sua classificação melhorou: ficou em 10.º. Também José Martins subiu ao 5.º lugar.

Na terceira etapa, de Pamplona a Tolosa, houve um ataque em forma de italianos, belgas e portugueses e do espanhol Langarica quando Bernardo Ruiz sofreu um percalço. Os cinco benfiquistas andaram sempre no pelotão da cabeça e mais uma vez Rebelo galgou lugares: dois, do 10.º a 8.º. Júlio Mourão ficou em 10.º, José Martins manteve-se e Império foi o 4.º da etapa.

Depois da 3.ª tirada os cinco primeiros eram: Adriano e Camilla, italianos; Bernardo Ruiz e Langarica, espanhóis; José Martins, português.

Os amadores disputaram, no domingo passado, o «Circuito da Damaia», na distância de 80 quilómetros.

Manuel Gonçalves, do Benfica, foi brilhante vencedor. Por equipas ganhou o Ginásio de Tavira e o Lisgás foi o 2.º com igual número de pontos.

Manuel Mota

## A «Crítica Internacional» de Esporte

A magnífica revista brasileira «Esporte Ilustrado», constantemente transcreve da nossa Revista artigos, reportagens e entrevistas. Desta vez, ao criar a secção «A Crítica Internacional», inaugura-a com um artigo do nosso distinto redactor, Rafael Barradas, cujo nome cita, assim como «Stadium», transcrevendo outros nomes várias opiniões desportivas, uma delas do dr. Salazar Carreira sem dúvida uma das penas mais brilhantes do jornalismo da «especialidade» e que faz parte da nossa Revista. Agradecendo a «Esporte», saudamos os nossos camaradas por mais este triunfo jornalístico que, permitimo-nos dizer-lhe, é também desta Casa.

## Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

# Assuntos de Espanha

## Arbitrar em Espanha...

Pedro Escartin, o árbitro espanhol, escreve que em nenhum sítio é tão difícil exercer a autoridade arbitral como em Espanha, onde a multidão quer em tudo o milagre do homem e não a tarefa colectiva.

Julgávamos que Escartin conhecesse melhor a arbitragem em Portugal. Por ser nosso convencimento de que, no aspecto de dificuldades de arbitrar, era de pedir messas...

## Ter sido jogador...

Sobre arbitragem, a tecla que está na ordem do dia, em Espanha, o antigo internacional Felix Pérez, que conta actualmente 45 risonhas primaveras, manifesta a opinião de que, para se ser árbitro, devia ser obrigatório ter jogado na Primeira Divisão, porque há coisas que devem ser vividas para se compreender o seu alcance.

Lá o conhecimento das Regras não importa muito! Para se ser bom árbitro, segundo Pérez, o que é indispensável é que se tenha sido bom jogador, ainda que, como jogador, não se conheçam as Regras...

## Incrédulo das táticas...

O mesmo Felix Pérez, que é empregado dos Correios e herdou uma tenda dos seus pais há trinta e cinco anos, não acredita em táticas nem em técnicas porque há que contar sempre com o adversário, que pode jogar de forma diferente de desfilio para desfilio. Em contrapartida, Felix Pérez é partidário do jogo duro, a verdadeira duresa, sem traques nem grosserias.

O antigo internacional espanhol Felix Pérez tem razão... Meia bola e força, o que interessa é ganhar, e o resto são lérias!

## Verdades do treinador...

O treinador espanhol Kinke, grande jogador do passado, abandona a função de treinar. Segundo suas próprias declarações, tem muito azar. Kinke reconhece que a melhor forma de um treinador se afirmar é simples: ganhar a sua equipa todos os jogos.

Aqui está uma afirmação extremamente lúcida. Mas o famoso Kinke acrescenta nas suas declarações públicas um panhado de verdades: — O jogador que se deixa na cabine é um inimigo; o dirigente que quer vestir uma camisa de onze varas, aconselhando este ou aquele jogador, é outro inimigo. Se os que aconselham são vários, então não haverá nada a fazer...

Nunca ninguém pronunciou verdades tão grandes em linguagem tão simples!

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## Não seria melhor

avançar mais devagarinho!

Parece ter sido encontrada a necessária plataforma de conciliação. A Federação Portuguesa, ao rever a mecânica dos campeonatos portugueses e ao dar-lhe novo arranjo, deixava várias datas em branco para utilização dos clubes. Estes, reunidos nas suas Associações, devendo pôr-se em relevo o papel desempenhado pela Associação de Futebol de Lisboa, depois de uma análise minuciosa da nova regulamentação, resolveram pedir às Entidades que superiormente dirigem o desporto a sua intervenção no sentido de não serem eliminados os Campeonatos Distritais, de tão boas tradições. A plataforma de conciliação é simples: amplia-se um pouco a época, e a Federação aumenta o número de datas livres de forma a conceder os domingos suficientes para a efectivação das provas distritais.

Trata-se de uma questão de tal importância que deveria ser debatida num congresso, ou coisa que o valha. Pretende-se adoptar uma organização de provas muito semelhante à usada em Espanha, não se tendo em vista as diferentes condições de um e de outro país (em Espanha, futebol disseminado por toda a parte; em Portugal, futebol concentrado em Lisboa), na altura em que os campeonatos espanhóis sofrem viva crítica, e os dirigentes preveem a sua remodelação.

A organização das provas portuguesas era lógica, e bem ligada de uns para outros campeonatos: do primeiro ao último desfilio da época havia uma racional sequência. Para quê, uma transformação tão profunda e completa, de um momento para outro? Não seria melhor avançar mais devagarinho?

## Há resposta para tudo...

P. 521 — Quais os clubes que têm sido campeões da Primeira Divisão do futebol, em Portugal, desde o princípio? (De Um leão lisboeta).

R. 521 — Mais uma vez se publica a lista: 1938-39 Porto; 39-40 Porto; 40-41 Sporting; 41-42 Benfica; 42-43 Benfica; 43-44 Sporting; 44-45 Benfica; 45-46 Belenenses; 46-47 Sporting.

P. 522 — Se é verdade que o Capela vai para o Sporting em troca com Sidónio? (De Um sportinguista Minhoto).

R. 522 — Não acredite! As transferências de um clube para outro são difíceis.

P. 523 — Qual o motivo porque Mário Rui não joga? (De Um benfiquista de Barcelos).

R. 523 — Rui não pode treinar convenientemente na época passada, mas deve ser aproveitado este ano no seu clube.

P. 524 — Qual é melhor: Arsenio, do Benfica, ou Massano, do Elvas? (De Um todo benfiquista).

R. 524 — Trata-se de dois bons jogadores, de valor muito igual.

P. 525 — Qual foi o clube português que tirou mais campeonatos nacionais de futebol? (De Uns admiradores do futebol).

R. 525 — Presumo que queira aludir aos campeonatos nacionais, na fórmula da Primeira Divisão: Sporting, 3; Benfica, 3; Porto, 2; Belenenses, 1.

P. 526 — Azevedo abandonará o futebol na próxima época? (De Um sportinguista de Pereiras, do Alentejo).

R. 526 — É mais fácil o senhor deixar de gostar do jogo...

## CONTA-GOTAS

Em várias terras sente-se a falta de instalações desportivas à altura das competições que se disputam. Coimbra pode ilustrar a afirmação. A cidade tinha inteiramente o direito de possuir alguns campos de futebol, pelo menos, de boas condições, e, afinal, um grupo como a Associação Académica de Coimbra não dispõe de um terreno seu e recorre ao alheio, de condições sofríveis.

Por isso mesmo, deve auxiliar-se tudo quanto diga respeito ao melhor apetrechamento desportivo de Coimbra. O União projecta grandes melhoramentos no seu campo de jogos. Certamente, as entidades oficiais não deixarão de auxiliar a iniciativa. Merece-o o clube e a sua valiosa obra no desporto de Coimbra.

Vem à Europa o Boca Juniores, famoso clube argentino. Jogará, segundo se diz, em Espanha, França, Itália e Checoslováquia. Decerto, não se perderá a oportunidade de ver o team argentino em Portugal, ao menos, num só encontro.

Também o River Plate virá à Europa, se conseguir uma boa série de jogos, sabendo-se que o Belenenses tem negociações entabuladas para a hipótese da deslocação se efectuar. O êxito da digressão do S. Lourenço de Almagro fez crescer água na boca aos outros clubes argentinos,

pelo menos, aos mais poderosos, que é o caso do Boca Juniores e do River Plate.

O ambiente futebolístico no distrito de Aveiro é desagradável: atitudes de hostilidade pessoal, lastimosas discórdias e inconcebíveis malquerenças entre povos e localidades do distrito.

Para terminar de uma vez para sempre com semelhante estado de coisas, o Clube dos Galitos leva a efeito no próximo dia 24, uma reunião dos dirigentes dos clubes do distrito que participaram no Campeonato Regional de Primeira Divisão.

O Galitos, clube de nobres tradições, se conseguir o seu elevado objectivo, ganhará deste modo a melhor competição de toda a sua carreira.

## CORRE QUE...

Jean Biri, o treinador húngaro que deixou o Benfica, assumiu as suas funções no Estoril Praia, passando Lippo Hertzka para o Benfica.

A equipa de futebol do Vasco da Gama, dirigentes e jogadores, veio a Portugal segura em três milhões de cruzados.

Joseph Szabo, o treinador do Futebol Clube do Porto, esteve em Lisboa, mas não tendo

resolvido nada acerca da sua situação, regressou ao Porto.

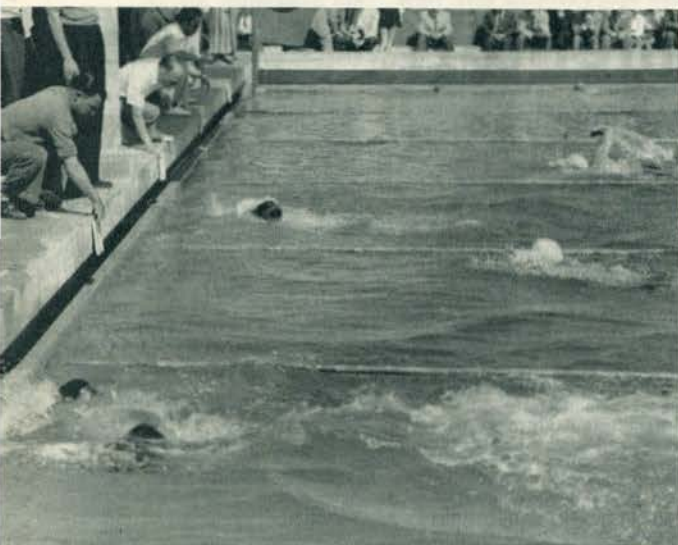
Elói, do Belenenses, fixou-se definitivamente no Sporting de Braga.

A Comissão Central de Árbitros que se reuniu pela primeira vez no sábado passado vai entrar em grande actividade.

Os arquitectos estudam, para execução, o projecto de ampliação do Estádio do Lumiar, do Sporting.



Uma fase movimentada da estafeta 4x200 ganha pelo Estoril Praia



A chegada dos 400 metros. Mais uma vitória de Mário Simas...



Um magnífico salto, na piscina de Espinho



Lúis da Conceição, de Coimbra, excelente nadador «internacional»

## CAMPEONATOS NACIONAIS de Natação em ESPINHO

Promovidas pelo Clube Nacional de Natação, sob o patrocínio do nosso colega «A Bola», realizaram-se no domingo passado, na piscina de S. Bento, várias provas designadas em conjunto pelo «Dia Popular da Natação», que reuniram cerca de 500 nadadores, representando, no ponto de vista de propaganda, uma das mais belas jornadas levadas a cabo no nosso país



## O GRANDE PRÉMIO

### “A Marca”



1 — João Rebelo pedala pelas estradas de Espanha com grande energia; 2 — Rebelo e Guilherme Jacinto chegam ao local da partida; 3 — O português José Martins, depois de um furo, numa perseguição, seguido pelo espanhol Moran. A equipa do Benfica faz figura no «Grande Prémio de Marca»



# CASEIRO e Pacheco não jogarão na próxima época?

## ... OU DUAS TRANSFERENCIAS QUE NÃO SE REALIZARAM



A equipa de juniores do Leixões, de onde saiu Caserio, ha pouco mais de um ano. «Saltou logo para a 1.ª categoria! Caserio é o primeiro da direita, de pé, ao lado do guarda-redes»

**O**S dirigentes dos clubes não tem defeso...

Pode mesmo dizer-se que atingem o máximo da sua forma naquele momento em que os jogadores entram em descanso na bola. Durante a época, quando as vitórias aparecem, os dirigentes dormem descansados. É uma primavera constante...

Na altura em que os jogadores tem de assinar as fichas, naqueles jogos cerrados em que a marcação se torna difícil, os dirigentes vivem em pesadelo constante.

O defeso para eles só começa quando se realiza o primeiro encontro oficial ou, então, quando se revê orgulhoso nas fichas todas assinadinhas...

E às vezes o diabo tece-as, de tal forma que mesmo depois da ficha assinada a andorinha parte para climas mais suaves...

**Resolvo não jogar!...**

Duas das transferências mais badaladas foram as de José Caserio, esperançoso defesa do Leixões e Adélto Pacheco, médio do Académico, internacional na última época e, sem contestação, um dos melhores médios nacionais.

A transferência do primeiro foi tentada pelo Sporting que fez deslocar ao norte dois elementos seus.

Nas negociações estiveram dois desportistas preponderantes em Matosinhos.

Não chegaram a falar os representantes do Sporting com o jogador. Pelo menos, é essa a sua declaração.

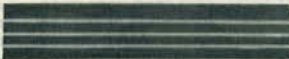
— Não! Tive conhecimento de que interessava ao Sporting a minha transferência por intermédio de dois amigos que representavam no assunto em causa o ponto de vista do Sporting.

— Mas fizeram-lhe alguma proposta?

— A proposta partiu de mim. Só com ela satisfeita concordaria em deslocar-me...



Adélto Pacheco valoroso internacional do Académico



«Mas as negociações não chegaram a bom termo. Nem a direcção do Leixões concordou com a minha cedência nem o Sporting acedia inteiramente aos meus desejos.

— Mas V. tinha vontade de ir? Não se importava de abandonar a sua família e o meio onde vive?

— Há decisões que se tomam e que não se explicam. Gostaria de jogar num dos trez clubes grandes (referia-se ao Sporting, Belenenses e Benfica).

— Mas qual preferia?  
— A minha simpatia vai para o Belenenses; mas não me importava de jogar em qualquer um deles.

— Mas o Leixões conta consigo?

— Crei que sim, mas estou na disposição de não jogar na próxima época. É natural que me demovam da minha atitude e se vier a assinar a ficha é apenas para não perder a forma. Sinto que realmente só

posso progredir e ter fagueiras aspirações num clube grande.

«Sou novo ainda. Esperarei por melhor ensejo. De resto não tenho presentemente necessidade de viver à custa do futebol.

José Caserio, que tem apenas 19 anos, nada mais adiantou. Sentimos que, em Matosinhos, existe uma corrente enorme contra a cedência de cartas. Caserio é um dos meninos de ouro do Leixões. Não o libertarão facilmente e, em nosso entender, quebrada a amargura de agora acabará por envergar a camisola do Leixões, o clube donde nasceu para o desporto.

**... Não jogarei também**

Adélto Pacheco constituiu nos dois últimos anos uma das mais curiosas revelações do nosso futebol. Andou muito tempo sem norte, perdido em diversos postos de uma equipa. Finalmente fixou-se na posição de médio e aí tem conseguido brilhar. Pode dizer-se que foi um dos elementos mais cobicados deste «defeso» que está quase a terminar.

De Lisboa foram inúmers as propostas. Pacheco estava tentado a aceitar a mais vantajosa, mas o Académico não cederia facilmente a sua maior vedeta, de mais que está interessado em reunir uma boa equipa de futebol.

Éra interessante, no entanto ouvir Adélto Pacheco, rapaz correctíssimo e sempre amável para os jornalistas.

Pacheco não se mostrou muito entusiasmado com a ideia.

Para evitar divagações afirmou com convicção: — «Acredite. Não jogarei na próxima época. Estou aborrecido com determinadas manifestações. São questões de ordem moral!»

Não quisemos insistir. Sabemos que os motivos são de ordem pessoal. Pacheco vê os problemas não como jogador de futebol mas como homem que merece o respeito de quem dirige.

Não lhe importam grandes transferências nem se deixa envolver em questões de aspecto material.

Como já dissemos, foi dos jogadores mais tentados. Em Lisboa o Benfica e o Sporting procuraram o seu concurso; e na zona norte, o F. C. do Porto e o Vitória de Guimarães tentaram-no com diversas ofertas. Não se deixou convencer!

Em nossa opinião Adélto Pacheco jogará pelo Académico desde que na direcção deste clube estejam elementos que lhe mereçam esse concurso.

Há declarações que não necessitam ser feitas para serem adivinadas.

Para já, o Norte pode descansar. Dois dos seus melhores valores não desertam, e bem precisos são para que o equilíbrio das nossas equipas se possa manter dentro das suas possibilidades. Mas este problema das transferências é complexo. Há nele sempre aspectos novos!

**Alves Teixeira**



Uma fase de disputadíssimo desafio de juniores entre o Porto e o Leixões. Um azul branco salta para embaraçar o guarda-redes matosinhense, mas Caserio, sereno, observa o lance...

# Três assuntos

com referência às actividades deste triunfante desporto

**E**stá-se, presentemente, num período de franca, de intensa e progressiva actividade no oquei em patins: o mesmo é dizer que este desporto — tendo ganho esporas de ouro com a benfica e brilhante organização dos campeonatos do Mundo e da Europa — navega num verdadeiro mar de rosas... De lamentar, apenas, que só agora se tenha reconhecido isso; quando, afinal, há mais de uma dezena de anos o vimos apregoando insistentemente.

Para disputarem o campeonato nacional, prova complementar dos torneios regionais, conhecem-se já três concorrentes: os dois do Porto (Infante de Sagres, que volta a figurar na lista dos campeões, e o Académico) e um de Lisboa: Poço de Arcos. Falta apurar o «segundo plano» do sal. Quem será? Por enquanto, é uma incógnita, mas talvez que o Oquei de Sintra, o Sporting de Oeiras, até mesmo o Futebol Benfica ou a Académica da Amadora, resolvam o pleito em última instância... Quem será? A pergunta breve terá resposta adequada.

O campeonato do norte, com menor quantidade de concorrentes, portanto, de mais breve realização, conclui-se já com triunfos para Infante de Sagres (1.<sup>as</sup>) e Académico (2.<sup>as</sup>). Na prova principal — que os acadêmicos perderam ao cabo de três anos consecutivos de vitória — apurou-se a classificação seguinte:

J. V. E. D. Golos P.

Infante de Sagres...	8	7	—	1	47-10	22
Académico.....	8	6	—	2	38-10	20
Académica Espinho...	8	4	—	4	42-38	16
Estrela Vigorosa...	8	2	—	6	17-50	12
Carvalhos.....	8	1	—	7	15-51	10

151

Em segundas: Académico — 4 vitórias, 2 empates, 24-9 e 16 pontos; Infante de Sagres — 4 vit., 1 emp., 23-14 e 15 pontos; Estrela e Vigorosa, 1 vit., 2 emp., 3 der., 14-22 e 10 pontos; Académica de Espinho, 1 emp., 5 der., 16-32 e 7 pontos.

Nos 10 torneios disputados — desde 1938 — verificaram-se os vencedores seguintes:

1938 — Estrela e Vigorosa Sport (nas 4 categorias); 1939 — Infante de Sagres (1.<sup>as</sup>, 2.<sup>as</sup> e 3.<sup>as</sup>) e Estrela e Vigorosa (4.<sup>as</sup>); 1940 — Infante de Sagres (1.<sup>as</sup>) e Estrela e Vigorosa (2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup> e 4.<sup>as</sup>); 1941 — Infante de Sagres (nas 4 categorias); — 1942 — Infante de Sagres (1.<sup>as</sup> e 2.<sup>as</sup>); Infante de Sagres (1.<sup>as</sup>) e Académico (2.<sup>as</sup>); 1944 — Académico (1.<sup>as</sup>) e Infante de Sagres (2.<sup>as</sup>); 1945 — Académico (1.<sup>as</sup> e 2.<sup>as</sup>); 1946 — Académico (1.<sup>as</sup> e 2.<sup>as</sup>); 1947 — Infante de Sagres (1.<sup>as</sup>) e Académico (2.<sup>as</sup>).

Resumindo: somente três clubes inscreveram seus nomes nas

listas dos campeões e apenas dois ganharam todos os campeonatos. Infante de Sagres (com 13 títulos: 6 em 1.<sup>as</sup>, 4 em 2.<sup>as</sup>, 2 em 3.<sup>as</sup> e 1 em 4.<sup>as</sup>) marcha no vanguarda; Estrela e Vigorosa conta 8 (1 em 1.<sup>as</sup>, 2 em 2.<sup>as</sup>, 2 em 3.<sup>as</sup>; 3 em 4.<sup>as</sup>) e Académico tem 7 (3 em 1.<sup>as</sup> e 4 em 2.<sup>as</sup>).

Este é o primeiro dos três assuntos a focar. Vamos ao segundo: conhecimento — qualquer que sejam os resultados das partidas por disputar — dois campeões sadistas da II Divisão: Lisgás em 1.<sup>as</sup> e Ateneu em 2.<sup>as</sup>. Como pormenor: tanto um como outro daqueles clubes obtêm agora o seu segundo título de campeão! O Lisgás ganhou igual torneio em 1944 e o Ateneu foi o único campeão escolar, em 1942, prova que depois passou a ser de organização da Mocidade Portuguesa.

Na II Divisão da A. P. Sul são vencedores: 1943 — Desportivo dos Tabacos (1.<sup>as</sup>) e Sporting de Oeiras (2.<sup>as</sup>); 1944 — Lisgás (1.<sup>as</sup>) e Sporting de Oeiras (2.<sup>as</sup>); 1947 — Lisgás (1.<sup>as</sup>) e Ateneu (2.<sup>as</sup>).

Posto isto, entremos, então, no último capítulo destes brevíssimos apontamentos: o campeonato sadista dos juniores. Começa ele a disputar-se (pela terceira vez) do domingo pretérito; os dois anteriores haviam sido de organização da F. P. Pettingem, quando, ainda, não estavam criadas as duas únicas Associações regionais existentes no país. Foram campeões: 1941 — Benfica; 1942 — Poço de Arcos. Houve, portanto, desde o último torneio do de agora, um intervalo de quase cinco anos... Mas, enfim, sempre vale mais tarde do que nunca!!!

A prova — justificando em absoluto a opinião de que o oquei está em francos progressos e grande actividade — é a «maior» de sempre. São 10 equipas repartidas por duas séries — a apurar dois em cada para uma competição final decisiva.

Estarão presentes todos os clubes da 1.<sup>a</sup> Divisão — excepto o Oquei de Sintra — tendo o Poço de Arcos e o Benfica (os vencedores anteriores) apresentado dois grupos cada um deles; e, da 2.<sup>a</sup> Divisão, somente comparece o Ateneu. Quer dizer: 1.<sup>a</sup> série — Ateneu, Benfica (B), Cascais, Poço de Arcos (A) e Sporting de Oeiras; 2.<sup>a</sup> série — Académica da Amadora, Benfica (B) Campo de Ourique, Futebol Benfica e Poço de Arcos (B). Há muitos estreantes... mas isso não impede que o torneio tenha, como merece e lhe desejamos, sinceramente, êxito absoluto.

Jorge Monteiro

# Comentarios

## Federações arruinadas

**A** grande maioria das nossas federações vive em precária situação e, para levar por diante o mais insignificante empreendimento, às vezes até os simples elementos do seu programa oficial, necessita de recorrer ao auxílio dos organismos superiores ou à dedicação dos próprios dirigentes.

O mal não é, porém, privativo da organização desportiva portuguesa; há poucos dias, num diário desportivo francês, encontramos as seguintes e edificantes referências: a Federação Francesa de Natação pediu emprestados 500.000 francos ao Comité Nacional dos Desportos e outro tanto à Federação de Futebol; a Federação de Atletismo deve um milhão ao CND e mais meio milhão por outros lados; a Federação de Boxe, para provêr aos encargos das competições entre amadores, contratou um empréstimo de 500.000 francos; a Federação de Basquetebol acusava no fecho de contas da sua última gerência, um deficit de 720.000 francos.

Todos estes encargos foram tomados contando com as subvenções prometidas pelo Estado, mas ainda não atribuídas, nem sequer estipuladas porque o Parlamento ainda não aprovou o orçamento que devia ter sido votado antes de 31 de Dezembro do ano passado.

Nestas circunstâncias e para evitar a redução da actividade dessas federações, por imposição económica, o jornalista propunha vários meios para obter novas receitas, entre os quais figuravam o estabelecimento da Carta Desportiva, obrigatória para todos os praticantes, e os Concursos de Prognósticos, ideias que,

ambas, foram já albitradas para solucionar o idêntico e difícil problema português.

Entretanto, a Assembleia Nacional discutiu e votou finalmente o almejado orçamento e à Direcção Geral de Educação Física e Desportos foram atribuídos cerca de três biliões de francos, mais do dobro da verba concedida no ano anterior. Desta importante soma, dividida por vários destinos, saem 90 milhões para subvencionar as federações e sociedades desportivas que assim devem ver concluídas as suas dificuldades financeiras e aberto caminho para os empreendimentos necessários ao progresso e expansão das suas actividades.

## Grande fatura

**O** lenente-coronel Correia Leal, que preside à Comissão Administrativa do Estádio Nacional, encomendou na Suécia todo o material necessário às organizações de atletismo, do mais moderno e aperfeiçoado, incluindo evidentemente as barreiras de modelo oficial em número suficiente para os seis corredores que a pista comporta. Houve o cuidado de especificar que se pretendiam 60 barreiras de 1,07 m. para os 110 m., 60 de 90 cm. para os 200 m. e 60 de 60 cm. para os 400 m., todas inamovíveis.

O material chegou já e nada faltava: pesos, discos e dardos, varas metálicas para o salto com vara, e as barreiras, na totalidade designada: simplesmente, em vez de inamovíveis e das três alturas oficiais, o fornecedor mandou 180 barreiras iguais e amovíveis... que o director do Estádio recebeu com desagradável surpresa e agora vai mandar fixar, por lotes, nas alturas respectivas.

## Felix Bermudes

Encontra-se nos quartos particulares do Hospital de S. José o escritor teatral Felix Bermudes, que, submetido a uma operação melindrosa, se encontra felizmente, melhor. Desejamos ao conhecido desportista prontas melhoras.

No próximo número publicaremos uma reportagem ilustrada do «Grande Prémio Marca», ao qual concorreu a equipa portuguesa do Benfica.

## Calendário de Corridas (Agosto)

- 14 — Lisboa, Diamantino, Gomes, Santos e Beatriz Santullano.
- 15 — Caldas, Simão, Conchita e Ricardo Torres.
- 16 — Viana, José Rosa, Francisco Sepulveda, amadores.
- 17 — Viana, Nuncio e José Rosa e forçados-amadores de Santarém.
- 21 — Lisboa, Simão, Conchita, Diamantino, Santos e Fermin.
- 24 — Espinho, Simão, José Rosa, Fermin e Pepe Luiz.
- 31 — Espinho, Simão, Nuncio, Cañitas e outro.

Os interessados podem informar das corridas próximas.

Os desportistas do Porto foram a Espinho ver natação. Gostaram, evidentemente, por que a natação é um desporto emolitivo, bonito e... limpo. Ora, como a deslocação se fez em grande número, pergunta-se: — porque não há natação no Porto?

— Por falta de piscina, sempre por falta de piscina.

Todavia, essa razão também nos parece infértil. Espinho não é longe e o Rio Douro ainda não secoiu...

Sua da tropa o ciclista Fernando Jorge Moreira, do F. C. do Porto. Foi licenciado. Parece que é oportuno, agora, dedicar-se a treinos de preparação. Repetir novo, Fernando Moreira ainda não chegou ao máximo das suas possibilidades na velocipédia.

É por Malozinhos houve «mosquitos por cordas». Um clube lisboeta pretendia conseguir a transferência de Ceseiro, excelente defensor do Leixões, mas a coleção subiu tão alto que o valoroso intermediário teve de abandonar a praça.

O Leixões, a despeito da sua admiração pelo clube que de vez em quando o «visita», antes quis ficar com o seu atleta...

Quis o F. C. do Porto um jogador do Futebol Benfica, de nome Ibrahim. Até então, segundo parece, não se feteja no rapaz. O Sporting, porém, despertou, mas dizem-nos que disposto a um «grande» negócio: — conseguir depois a troca do citado jogador por Barrigana...

Szabo esteve em negociações com o Estoril Praia. As condições, segundo nos garante pessoa que bebe do fino, eram muito boas. Szabo, porém, não as aceitou até agora.

O F. C. do Porto dar-lhe-ia liberdade caso a requeresse. Deseja o seu treinador mas não lhe impedirá uma situação melhor.

Cento e onze pedidos de transferência foram feitos pelos clubes filiados na A. F. do Porto. Muitos nomes pouco conhecidos, sendo alguns de Divisões Inferiores. Os mais destacados: Gastão, de «Cuj», Virgílio, do Entrancamento e António Ferreira, um dos «brasileiros» recentemente chegados do lado de lá do Atlântico, para o F. C. do Porto; Eiseu, ex-Sporting ou ex-Luanda, e Oscar, que foi guardanetes do Boavista e o ano passado esteve no Oihanense, para o Académico; Santiago, que era do Leça e passou pelo Académico, Benfica e Famelico, para o Boavista; Octaviano, ex-Académico e ex-Porto, para S. Pedro da Cova; Zeca e Toninho (Falcão), para o Tirsense — o clube de que «Pingo» é treinador.

De notável, o facto do Boavista ter assegurado o concurso de todos os seus melhores pedras.

## DOIS CASOS

### Futebol

Também o Porto, como já se disse, viu com ar de dúvida a eliminação dos campeonatos regionais de futebol. A Associação do Porto estava disposta, mesmo, a abandonar o seu posto, segundo era voz corrente, e alguns clubes julgavam-se prejudicadíssimos com a decisão federativa.

Supõe-se, nesta altura, que foi encontrada uma plataforma aceitável, e que os regionais, por via disso, sejam mantidos como até aqui, pelo menos durante a época corrente. Não nos repugna julgar que mais ano menos ano será condenada a prova. Mas também aceitamos de bom grado a «passagem» de um para o outro sistema após estudos cuidadosos e inelicientes.

Na verdade, a intempestiva mudança surpreendeu os clubes interessados. Não haviam pensado suficientemente na eliminação da prova. Se para novas épocas for aplicado novo sistema, é fora de dúvida que o Porto escolherá o que mais lhe convém. Uma sugestão vinda a público, — a de fazer disputar o campeonato do Norte, — por exemplo, é digna de ser apreciada.

Ficariam interessadas as principais Associações do Norte, os melhores clubes, evidentemente, e talvez o torneio conseguisse interessar muitíssimo o público e os jogadores.

Seja como for, os clubes portuenses e respectiva Associação optaram pelo campeonato regional. Na altura em que escrevemos sabe-se que as entidades superiores procuram resolver o assunto, e talvez se tenha encontrado uma solução satisfatória, mas é bom ir pensando em novo sistema para a época próxima. Se a condenação for absoluta não será o Porto apanhado a dormir...

### Oquei em patins

...que levou ao Porto, para cada clube, um subsídio de 20 contos! As colectividades que na capital do Norte foram contempladas, rejubilaram com a «espanhosa» notícia. A Federação Portuguesa de Patinagem, numa atitude digna dos melhores elogios, distribuiu 450 contos pelos clubes das Associações de Lisboa e Porto. A distribuição foi de tal modo ordenada que até o F. C. do Porto, que parece nunca ter sido «contemplado» por qualquer Associação ou Federação, receberá 20 contos...

Acreditamos que o F. C. do Porto, o ano passado concorrente ao campeonato de oquei em patins e a provas de patinagem, procurará entusiasmar-se convenientemente com esta simpática oferta da Federação e reapareça nos «rinks».

A sua presença faz falta nos recintos do Porto e será com certeza saudada por numerosos admiradores. Claro que o importante clube do Norte precisa de gente de valor, para não se expor excessivamente a derrotas que levem desanimo à sua gente. Os clubes concorrentes, possivelmente sem grande prejuizo para as suas equipas, talvez possam auxiliar a sua pretenção.

Que nós acreditamos sinceramente no regresso dos azues e brancos. Devem à Federação Portuguesa, em boa verdade, essa satisfação — visto que está pouco habituado a atitudes desta natureza...

Os restantes clubes, pela «scarolice», mereceram igualmente o benefício federativo. O oquei patinado na capital do Norte recebeu uma boa ajuda e oxalá possa corresponder, futuramente, colocando-se o mais possível ao lado de Lisboa, onde existe uma equipa vencedora do campeonato da Europa e do Mundo.

## MOSAICOS

nortenhos...

Já se apontam equipas para a próxima época. «Um dos telmos do F. C. do Porto» diz-nos que a do seu team «poderia» ser assim: Barrigana; Ferreira 1.º — Alfredo — Carvalho; Joaquim — Gastão; Boavista — Araújo — Ferreira 2.º — Virgílio — Diogenes. Isto é: Ferreira e Carvalho, médios-defesas sobre os extremos; Alfredo, aproveitando as suas reais qualidades e vigor atlético, sobre o centro. Joaquim e Gastão, médios de ataque, por que passem bem a bola para a frente. O nosso «telmo» diz ainda que de aplicação aos treinos de Gomes da Costa, que jogará, Lourenço, Senfins, Freitas e Catolino podem sair novas combinações no ataque. E aparece ainda Correia Dias, o amador ovarense. Mais que uma linha avançada de «reserva»... Na defesa também há «nomes». E então Vitor Guilherme? Valongo fica. Romão, Alvaro, Faria e uns «segundos plenos» habilitados, também. Veremos. Talvez a época não seja má.

Boavista, Académico e Selqueiros, também trabalharam. O Leixões, pelo menos, «segurou-se». O «regional», se vier a disputar-se, pode dar algumas indicações interessantes. Bem precisa o futebol portuense de melhorar, como por várias vezes se tem afirmado. O público do Norte gosta do popular jogo, mas se não tiver equipas de categoria, afasta-se...

Val realizar-se a «Volta a Portugal» em bicicleta. Por certo estarão presentes os clubes portuenses. Esperamos, entretanto, que não apareçam altrios como na «Volta do R. Batejo», que o F. C. do Porto protestou com fundadas razões. Claro que de pouco lhe valerá. Mas sempre é bom não deixar sem reparo atitudes de certa ordem. E para a outra vez — é melhor não comparecer em corridas que ofereçam poucas garantias de de ordem regulamentar.

Foi por «aguu abaixo» a projectada corrida Porto-Vigo-Porto em bicicleta. Não se sabe bem porquê. Apontem-se culpados, mais ou menos veladamente, mas de positivo — apenas isto: a prova não se fará.

Vamos vindo, na pista do Lima, uma ou outra corridista com sabor de «desforra», e já não é nada mau. Quando a «Volta» chegar — apenas se terá realizado uma ou duas provas de categoria, na estrada.



Quatro Cavaleiros e numerosos toureiros reunidos a corrida que o Grupo Sector 1 organizou no Campo Pequeno a benefício das vítimas do ciclone, por iniciativa de Pepe Amorós que então residia em Lisboa

# Clubes e Grupos TAUROMAQUICOS

Em Portugal há agora melhores clubes tauromáquicos que em Espanha, onde é famoso o Clube Cocherito de Bilbao, e foram o «Gallinero» de Valência, o Clube «Gallito» de Sevilha, na «calle tetuan», e outros.

Não falando do longínquo Clube Taurino Manuel dos Santos, ao Intendente, nem no aristocrático Tauromáquico, da Rua Ivens, iniciou-se a série dos actuais clubes tauromáquicos com o «Sector 1», que animado pelo falecido dr. Bossa da Veiga surgiu no Largo do Caldas, passou para casa própria na Rua do Ouro e agora na Rua do Salitre. E nos últimos tempos têm aparecido típicas «tertulias» provincianas, como a de Evora, animada pelo espirito entusiástico de Quintas, em outro Sector em Setúbal e, o «Aposento do Barrete Verde», em Alcochete, recentemente em festa e com corridas da sua organização. E assim o «Sector 1» organizou já uma corrida no Campo Pequeno, da iniciativa de Pepe Amorós e a benefício das vítimas do ciclone.

Nesta altura já o «Sector 1» tinha um passado de excursões ao campo, e casos de vários «sanaderos», onde os sócios toureavam, de festas e de conferências, como as que «Corinto y Oro» realizou no Teatro do Ginásio, sendo então directores o dr. Saraiva Lima e Colares Pereira. Na presidência de Carlos de Ornelas continuaram as «excursões» e as conferências, então com Eurique Vila que havia de voltar a Lisboa com Bon Ventura «Giraltilho», sendo empresário Victor Lopes que aos três apresentou no Tivoli. A presidência de Carlos Ornelas se deve a primeira «caseta» portuguesa na feira de Sevilha, onde deixou a tradição dum almoço oferecido aos cronistas tauromáquicos espanhóis.

E, na sede de Lisboa, séries de almoços de prato único em que os

antigos lisboetas estabeleciam «tertulias» com os sócios.

Merece ser citada nesta rápida crónica dos grupos tauromáquicos portugueses um que nunca teve sede e que vagabundava com bom humor, a «Tertulia», da qual foi «cabeço» José André. Os almoços eram de tipo mistério, como aqueles combóios que tiveram a sua época. Fazia-se a concentração no Rossio e tomava-se lugar num carro-eléctrico que dava voltas desorientadoras que às vezes terminavam logo ali na Rua dos Fanqueiros ou que iam até ao Campo Grande ou outro local onde se realizava o almoço. Coube nos fazer uma palestra num destes almoços que aproveitámos para a preparação do festival a benefício de «El Gallo» com a história aneddotica da sua vida. Presidiram o actual presidente da Câmara Municipal, que então era o director da Censura, e a famosa vedeta Célia Gamez. Já tínhamos lido uma conferência no «Sector 1», porque sempre fomos avessos a improvisações, nos de «El Gallo» conversámos porque da vida do nosso passado ídolo podemos falar muito mais do que hora e meia que então ocupámos.

Em compensação nunca falámos nos banquetes do «Sector 1», nem daquele que se deu em honra de «El Gallo» e de Juan Belmonte, quando do referido festival, nem num outro em que ali levámos «Manoleta». Fizemos tudo o que pudemos pelo «Sector 1», trazendo a Lisboa conferentes espanhóis nossos amigos, estabelecendo ligações para as organizações em Espanha, principalmente as de Sevilha, brilhantemente continuadas por Luis Gonzaga Ribeiro, por isso lastimadas a desistência que agora vai dar lugar a um novo grupo, o da «Festa Brava». Desajustamos que todo o esforço dos «aficionados» lisboetas se concentrasse

num único clube que assim poderia ser melhor e mais forte. Mas, entre os homens surgem sempre dissidências, e há que aceita-las com resignação. Carlos Ornelas e José Mayer, bem acompanhados por Vitor Pestana e assistidos de uma falange de alguns antigos sócios, vão inaugurar brevemente, também na Rua do Salitre, a sede do grupo dissidente do «Sector 1» a «Festa Brava». A sede deste novo Grupo, como à do antigo, e a outros da provincia, faremos quando for possível, visitas de que daremos conta aos nossos leitores. E' afinal um aspecto curioso da Festa de Touros este dos clubes em que os «aficionados» se reúnem e preparam excursões a corridas de Portugal e Espanha e onde recebem os «diestros» estrangeiros que assim podem verificar que entre nós há melhores clubes tauromáquicos que nas terras delas, seja em Espanha ou no México.

E, lá para o inverno, quando a falta de corridas a isso obriga, «estender-nos-emos na recordação dos

clubes taurinos que conhecemos em Espanha e até em França, onde em 1925 fomos recebidos na «Union Tauromachique de Paris» que reúne aos sabados com uns senhores de fraque e para que existiam o uso de «la main gauche» e discutiam o peso e o pelo dos touros. «Oh! Ce taurou café ou lait!» que estes clubes taurinos também têm sua história pitoresca.

Devemos porem declarar desde já que não conhecemos melhor clube que o Cocherito de Bilbao, que frequentámos com o nosso velho amigo «Alé» e com seu pai, um aficionado intrínseco como quase todos os da terra onde se lidavam os maiores touros de Espanha, até em corridas organizadas pelo Club Cocherito. E que boas «tertulias» ali tivemos, até com o crítico mais sabedor que conhecemos em Espanha, D. Angel Casañó «El Barquero». Enfim vamos ocupar-nos dos clubes tauromáquicos.

Rogério Pérez



Carlos Ornelas presidindo ao banquete oferecido na sede do «Sector 1» a Rafael «El Gallo» e Juan Belmonte. Na mesa da presidencia vêem-se outros dissidentes: Alvaro de Figueiredo, ao lado de «El Gallo», e José Mayer, entre Juan Belmonte e o inesquecível Eduardo Pagés, organizador do festival que, com outros, assegurou ao irmão de «Gallito» uma pensão para a velhice



Jackie Ulph e Jimmie Williamson aplicam directos... mal dirigidos e dirigidos contra vontade. Ambos fecham os olhos para não verem as consequências!



Ulph recebe os últimos conselhos do papá, seu treinador e partidário apaixonado, já se vê!

## NO MUNDO das CRIANÇAS Pugilistas de Palmo e meio

**A**S raças fortes e orgulhosas que enfrentam a ambição conquistadora dos povos vizinhos e as mais ousadas, cujo anseio de predomínio tornou provocantes, viraram para os desportos combativos e dolorosos a educação das massas populares.

Foi assim que o Jogo do Soco trouxe incremento. Primeiro na Grécia e em

Roma; mais tarde, na Inglaterra, nos Estados; por último na França, Alemanha, Itália, etc. O boxe é uma actividade natural, quase instintiva, violenta, que provêio dos punhos consistirem a arma mais pronta e mais simples à disposição do Homem. O sentimento do ataque e defesa gerou-se com a própria humanidade, quando o Mundo era selva e a luta pela existência ainda se não havia disfarçado sob o manto da civilização.

Depois, surgiram as armas. Os duelos do circo romano, entre gladiadores, deram lugar na Idade-Média, às festas e torneios. A Renascença produziu o espadachim, de capa e punhal numa das mãos e o ferro na outra. Já em pleno século XIX, ainda existiam os Mérignacs, Pinis e San Malatos verdadeiros pugilistas de lâmina e cutelo, com raios caruscantes dum sol no ocaso.

O boxe abandonado e vegetante no decorrer de alguns séculos, veio ao cimo no dealbar do décimo oitavo, em Inglaterra. Hoje está implantado com raízes profundas, crescentes e sólidas. Já não são, apenas, os hercúleos quem o estima porque as próprias crianças puseram de lado o triciclo e outros passatempos para saborear um olho aureolado de preto e roxo, obtido com todas as regras da arte.

Londres, imensa metrópole de mais de oito milhões de almas, possui já uma arena destinada ao pugilato entre menores. Salvo o devido respeito, que nos merecem os leitores devotos e puritanos, tudo ali respira paz e harmonia, a paz de desvelo e precauções.

As crianças concorrentes, catalogadas segundo a idade, a robustez e a experiência, envergam volumosas luvas chumadaças e disputam o troféu «Pooley Cup». Quase todas pertencem aos colégios de S. Pedro e S. João e têm ao lado, como conselheiros competentes treinadores providos de bom-senso.

Os matches efectuam-se na sala do Clube Católico de Woolwich. A finalidade destes desafios é puramente moral e educativa; incutir nas crianças o desprezo pela dor física, actuarem com esprito da equipe e fazerem gala na maior isenção desportiva. Ao fim e ao cabo, todos são premiados, vencedores e vencidos, com medalhas singelas mas simbólicas.

Para os rapazes entre quatorze e dezoito anos existe uma federação, a London Federation of Boys' Clubs que promove um campeonato anual, entre outras provas de menos importância.

O número de filiados ascende a 20.000 mas é raro que as inscrições para o torneio ultrapassem quinhentos concorrentes.

Os desafios finais disputam-se no salão do Albert Hall. Em 1938, o Rei de Inglaterra e o Duque de Gloucester, ilustraram a prova com a sua presença entregando os prémios aos vencedores. Semelhante acontecimento não tem paralelo em qualquer parte do globo terrestre, e dá ao 16do do soco um privilégio excepcional.

R. B.



Um friso juvenil onde reina de tudo: ansiedade, alegria incitamento e sentimentos desportivos precoces



Torcido e mordido, segue as «aventuras» de seu irmão que sua e geme entre as quatro cordas

# Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

## VIII — As corridas de barreiras (continuação)

A temporada de 1922 foi inaugurada com o torneio do Benfica, para o qual a nova federação autorizara, excepcionalmente, a inscrição de atletas pertencentes a clubes não filiados.

O Internacional, o Benfica e o Cruz Quebrada forneceram a mais importante representação, mas na prova dos 110 metros barreiras apenas se inscreveram três homens, todos do «Cif»; o vencedor foi Honório Costa, em 17,6 s., tempo que, num esboço, fazia ver possibilidades futuras de recorde, que no entanto nunca se confirmaram. Os outros dois competidores eram Xavier de Araújo e António Cabral, este classificado erradamente, pois julgou o passo à terceira barreira e derrubou, de aí em diante, quase todos os obstáculos.

Na avenida das Tílias, nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, realizaram-se, em Julho, provas organizadas por um semanário desportivo e que constituíram a primeira manifestação, na capital do Norte, do atletismo em pista, se é que se pode chamar pista a uma simples rua em «mecadama». No programa incluiu-se uma corrida de 110 metros barreiras, que Roberto Machado ganhou em 20 s.

Foi este o primeiro ano de actividade da Federação de Sports Atléticos, que organizou em Lisboa os campeonatos regionais e nacionais, estas uma espécie de segunda edição daqueles, pois os concorrentes foram os mesmos.

No torneio regional, celebrado ainda no campo do Benfica, compareceram três únicos corredores nos 110 metros, vencendo Honório Costa em 18,6 s., seguido por Salazar Carreira e Apio de Almeida.

Disputada pela primeira vez a prova de barreiras em 400 metros, alinharam somente dois homens do Sporting, triunfando Salazar Carreira em 1 m. 6 s., seguindo-se-lhe Alberto Freitas. A notar que os concorrentes fizeram o percurso à vez e contra-relógio, porque no

campo havia apenas barreiras suficientes para uma fila.

Os campeonatos nacionais disputaram-se já no Estádio do Lumiar; aos 400 metros barreiras concorreram os mesmos dois especialistas, com idêntico resultado, Carreira vencedor em pior tempo, 1 m. 7,2 s., contra 1 m. 10,8 s. do adversário.

Nos 110 metros partiram, também, dois únicos corredores, repelindo o resultado do regional: Honório, 17,4 s., Carreira em lugar imediato.

Em 1923 alinharam ainda no campeonato regional dos 110 metros



Honório Costa, barreiraista consagrado há vinte e cinco anos

barreiras três únicos concorrentes; o favorito, Honório da Costa, tomou logo de início considerável vantagem, mas enganou-se no passo ante o último obstáculo e desistiu, porque aquele percalço, arrasando-o, o impossibilitava de aproximar ou bater o recorde, seu sonho dourado. Foi por isso vencedor António Penafiel, também do «Cif», em 20,4 segundos.

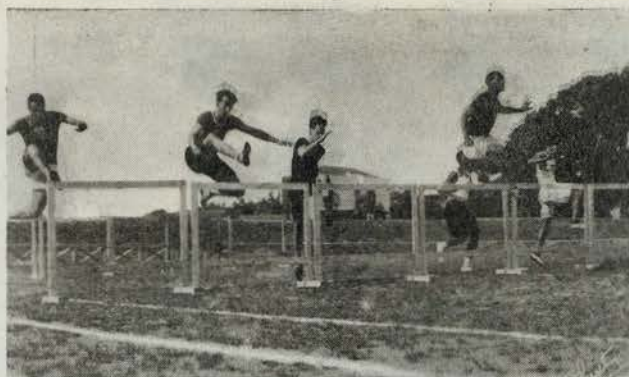
A prova de 400 metros barreiras, limitada de novo ao duelo Carreira-Freitas, foi fraquíssima, pois o primeiro limitou o seu esforço ao necessário para ganhar por um metro, em modesto 1 m. 10 s.

Uma semana depois, os nacionais foram mais animados. Nos 110 metros inscreveram-se oito homens e nos 400 metros, seis, mas numa e noutra corridas compareceram apenas quatro, com os seguintes resultados: 110 metros — Honório Costa, em 19,6 s. e Salazar Carreira em 19,8 s.

400 metros — Salazar Carreira em 1 m. 5,4 s., novo recorde, e Alberto Freitas em 1 m. 10,2 s.

O Benfica organizou novamente o seu concurso anual, a que concorreram atletas do Clube Sportivo Nuno Álvares, do Porto; Honório da Costa venceu na sua prova, em 18,8 s., precedendo os portuenses Karel Poll, em 19,2 s., e Roberto Machado, em 19,4 s.

O mesmo clube portuense promoveu depois um outro torneio, ao qual concorreu o Sporting lisboeta.



A final dos 110 barreiras, no nacional de 1924

As eliminatórias dos 110 metros realizaram-se na manhã do segundo domingo de provas, com o terreno encharcado pela chuva torrencial que caía durante toda a noite; Salazar Carreira ganhou a primeira em 20,4 s. e Karel Poll a outra, em 21 s., mas a final não chegou a disputar-se devido aos aguaceiros, que impediram, de tarde, a continuação do torneio.

A época de 1924 nada adiantou na especialidade; Salazar Carreira ganhou os 110 metros no regional, em 20 s., sem se empregar porque os dois competidores eram de fraco valor e não se apresentou à partida dos 400 metros, que dois únicos concorrentes disputaram, vencendo o balenense Pestana de Oliveira, no tempo modestíssimo de 1 m. 14,8 s.

Os nacionais foram mais animados, devido à participação dos atletas portuenses. Os 110 metros reuniram seis concorrentes, número nunca ainda atingido; a partida, dada por um juiz ocasional e incompetente, que a anunciou em quatro vozes, causou hesitações que modificaram a classificação normal. (O «Sport de Lisboa» diz: Salazar Carreira hesita à partida, o que lhe fez perder a prova.) Xavier de Araújo passou a primeira barreira com dois metros de avanço sobre Carreira e Osório, vindo a ganhar por um pelo, em 18,8 s., e Salazar Carreira; Osório, que parecia dever ganhar, caiu ao transportar a última barreira, classificando-se terceiro Calheiros Lobo, que fora o vencedor do campeonato do Porto, em 19,8 s.

Nos 400 metros voltou a correr Salazar Carreira, que triunfou em

1 m. 4,6 s., batendo o seu precedente recorde. Seguiram-se-lhe, na meta, o campeão de Lisboa e o do Porto, Manuel Lima, cujo tempo no regional fora de 1 m. 10,8 s.

Celebraram-se ainda nesta época os dois torneios particulares do Benfica e do Nuno Álvares, cujas provas de barreiras foram ganhas, respectivamente, por Xavier de Araújo, em 21 s. e por Karel Poll, em 18,4 s., este precedendo Salazar Carreira em 18,6 s.

O ano de 1925 pode ser considerado como o iniciador do progresso técnico na especialidade, devido aos conhecimentos adquiridos nos Jogos Olímpicos de Paris por alguns delegados oficiais. Assim se formou a escola do Sporting, de onde saíram Fernando Elói, Araújo Ferreira e Palhares Costa.

Não foram organizados os regionais de Lisboa, tendo o Porto mantido os seus, cujas provas de barreiras foram ambas ganhas por Fernando Rodrigues, em 19 s. e 1 m. 6,4 s.

Os nacionais, disputados no Lumiar, deram a vitória em 110 metros barreiras ao portuense Filipe de Sousa, em 18,8 s., batendo Carreira e F. Rodrigues.

Sousa usava um estilo deveras extraordinário; sendo de estatura mediana, dava entre barreiras quatro passos, passando o obstáculo ao pé-coxinho, isto é, calando sobre o mesmo pé da chamada.

Nos 400 metros, venceu Fernando Rodrigues, do Vilanovense, em 1 m. 6,2 s., seguido por Abílio do Nascimento em 1 m. 7 s.

(Continua)

### Salazar Carreira

## DE LUTO

Em Lisboa, faleceu o sr. Renato Carlos Julio de Almeida, pai do nosso amigo Carlos Renato. O extinto, muito conhecido no meio da construção civil, era uma pessoa muito estimada. A Carlos Renato, belo carácter, damos um abraço de condolências.

## Luta livre

Começou a disputar-se no «Estádio Mayer» o Cinturão de Lisboa, luta livre, em que tomam parte seis lutadores, o nosso campeão José Luís e cinco campeões estrangeiros, proporcionando lutas emocionantes.



Salazar Carreira passando uma barreira nos 400 m.

Ano V — II Série — N.º 245  
Lisboa, 15 de Agosto de 1947

### Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19.-3.º

Teléfono. 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINDO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁFICA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

# BOXE

Ike Williams é o novo campeão dos «leves»

Efectuou-se em Filadélfia, no Estádio Municipal, o anunciado combate para o Campeonato do Mundo dos «leves», entre os negros Ike Williams e Bob Montgomery, o primeiro reconhecido pela Associação Nacional de Pugilismo e o último pelos Estados de Nova York e Pennsylvânia.

O combate durou até ao sexto assalto, com manifesta igualdade de parte a parte.

A meio deste período, todavia, Ike acertou com um soco formidável que lançou o adversário à lona. Francamente inferiorizado, Montgomery ergueu-se ao nono segundo mas um chuveiro de golpes expediu-o de novo ao sobrado. Com grande dificuldade tentou levantar-se mas o árbitro verificou o seu estado de semi-inconsciência e suspendeu a continuação das hostilidades.

Assistiram mais de 30.000 pessoas.

## Jack Dempsey opina que...

O antigo campeão de boxe, Jack Dempsey deu o seu parecer acerca do mérito dos actuais pesos pesados na revista americana *Sports Week*:

1.º Joe Baksi; 2.º Ezzard Charles; 3.º Pat Comiskey; 4.º Al Hoosman; 5.º Tomi Mauriello; 6.º Joey Maxim; 7.º Lee Q. Murray; 8.º Elmer R-y; 9.º Ole Tandberg; 10.º Joe Walcott.

Esta classificação peca por não levar em conta os recentes resultados da última quinzena. Parece-nos mais equitativa a seguinte ordem de méritos:

1.º Walcott; 2.º Ray; 3.º Baksi; 4.º Tandberg; 5.º Comiskey; 6.º Maxim; 7.º Charles; 8.º Hoosman; 9.º Murray e 10.º Lesnevich.

## Mariano Hita ganhou a Tomás

Na Ferroviária, de Madrid, o conhecido peso leve Mariano Hita triunfou sobre Tomás por *knockout* ao terceiro assalto.

Na mesma sessão, o versátil Jesus Martos saiu vitorioso por pontos sobre Fenoy, após uma luta muito equilibrada.

## Medina-Kane para o campeonato europeu

Devem combater brevemente, para disputa do título europeu dos «levisísimos», o cigano francês Teo Medina e o jogador britânico Peter Kane. O combate efectuar-se-á em Paris.

## ... e Paco Bueno-Lovell em Agosto

Está marcado para o fim do corrente mês o combate entre o negro Alberto Lovell, campeão da Argentina, e o espanhol Paco Bueno, titular do país vizinho. Ambos pertencem à categoria máxima.

# A VIDA DESPORTIVA DO MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

Daniel Carpio, um audacioso nadador peruano, que no seu país conquistou fama inegalável, encontra-se há semanas em Inglaterra, pronto a intentar a travessia do Canal da Mancha.

Uma forte brisa de Levante, teimosa e persistente, tem mantido revolvidas e agitadas as águas do estreito, enquanto o seu pretenso domador mira, com mal contido desespero, os acontecimentos.

A Mancha tem sido um diâncilissimo adversário, mas está algo desacreditada pelas irregularidades que enodoaram algumas tentativas. Concorrentes pouco escrupulosos têm-se servido de meios de auxílio nitidamente contrários ao espírito desportivo — mesmo o mais tolerante e discreto.

Os ingleses, ciosos da reputação do seu Canal, que consideram quase propriedade britânica, constituíram uma comissão de vigilância e instalaram-na em Londres, a poucos quilómetros da costa. Pertencem a esse comité os principais vencedores do Canal e os vencidos, também: Burgess, Holbein, I. B. Wolffe e E. H. Tamme.

A sua tarefa consiste em policiar com rigoroso ciúme todas as tentativas, denunciando as que se efectuarem em condições duvidosas ou desonestas.

Quando o referido Comité publicou a lista das travessias a sério, da qual ficaram excluídos um francês, George Michel e um alemão, Vierkeller, ambos padeiros de profissão — produziu-se um forte rumor de desgosto em França e na Alemanha contra o puritanismo dos «amigos da Mancha».

Eles, no entanto, têm razão. E tanto assim que o nadador peruano, Daniel Carpio, julgou necessário solicitar o apoio dos velhos golfinhos, sem o qual não se aventuraria a entrar nas águas inclementes.

Carpio é um forte nadador já experimentado. Se a Sorte o proteger, com bom tempo e boas correntes marítimas, sairá de Dover para Calais e chegará ao continente europeu.

Numa época de ganancioso materialismo, regosijamo-nos por saber que um homem se arrisca, somente por desporto, a duros trabalhos e vicissitudes sem par.

R. B.

## CICLISMO

### Os Campeonatos do Mundo

Concluíram, em Paris, as provas correspondentes ao campeonato mundial de ciclismo (amadores e profissionais).

Nas de perseguição para profissionais emergiu vitorioso o italiano Fausto Coppi, que derrotou para o efeito o seu compatriota Bevilacqua. Coppi cobriu a distância em 6 m. 16 2 s., batendo o adversário por 10 metros.

A prova de amadores foi conquistada pelo italiano Leo Benfanti sobre o excelente corredor uruguaio Atilio François. Tempo do vencedor: 5 m. 22 4 s.

O campeonato de fundo, atrás de moto, foi apanágio do francês Raul Lesueur, que percorreu os 100 quilómetros em 1 hora 23 m. 38,8 segundos.

A prova de estrada para amadores terminou com triunfo para o italiano Alfio Ferrari (164,470 km. em 4 horas 18 m. 58 s.) e a dos profissionais coube ao holandês Teo Middelpamp (274 km. em 7 horas 28 m. 17 s.)

Os principais países concorrentes foram os que se seguem: Austria, Bélgica, China, Dinamarca, Egipto, Estados- Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Polónia, Suécia, Suíça, Grécia, Checoslováquia e Uruguai.

Portugal e a Espanha ficaram no tinteiro...

## ATLETISMO

### A Suécia venceu a Finlândia

Por 106 pontos a 78 os atletas suecos derrotaram os finlandeses no encontro disputado pelas duas nações. Os resultados, atendendo ao alto nível atingido pelo atletismo dos dois países, podem considerar-se apenas regulares.

Strand conquistou o 1.º lugar na corrida de 1.500 metros, com o tempo de 3 m. 46,8 s. e Storskrubb correu os 400 metros, barreiras, em 52,5 s. e os 800 metros em 1 m. 53,5 s. Foram estas as proezas mais salientes do torneio.

### ... e a Finlândia derrotou a Dinamarca

Em Copenhague travou-se o desafio entre os atletas finlandeses e dinamarqueses, terminando com a vitória dos primeiros por 118 a 84 pontos.

O atleta Heino ganhou a légua e os dez quilómetros em 14 m. 33,8 s. e 30 m. 07,4 s., respectivamente.

Os outros resultados, apesar de bastante bons, não merecem uma referência especial.

## Ike Williams e Bob Montgomery frente a frente



Dois pugilistas negros, ambos pretendentes ao título mundial da categoria «leves», Ike Williams (à esquerda) e Bob Montgomery, cruzam a vista como espadas afiadas.

Williams conserva-se reservado e de expressão agressiva; Montgomery, sorri com mais confiança sem prever o desfecho da batalha onde se afundaram as suas ilusões!

# VELA



As provas de vela estão na sua época. Os nossos velejadores estão em agração e vel movimento, competindo em corridas entusiasmáticas.

Em cima, vê-se a partida da prova «Wintermatel», e nas duas fases seguintes um aspecto das regatas organizadas pelo Clube «Maré Nostrum», na Cova do Vapor.



## ATLETISMO FEMININO

Três fases interessantes dos campeonatos femininos de atletismo. À esquerda — Hedi Sá ganha a corrida de 150 metros, seguida por Ivone, do Belenenses; ao meio — vitória de Dália Cunha no péso; à direita — de novo Hedi Sá, saltando 1,35 em altura



## ESGRIMA

Concorrentes ao campeonato militar de esgrima recentemente disputado, com entusiasmo e que terminou com a vitória da Escola Prática de Cavalaria



## CICLISMO

O S. L. Benfica enviou a Espanha a sua excelente equipa de «independentes», e os seus representantes tem desempenhado a contento a sua missão. Antes da partida, o Benfica reuniu os seus atletas num jantar amigo, para o qual convidou também alguns desportistas conhecidos